

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
JÚLIO DE MESQUITA FILHO
Programa de Pós-Graduação em Docência para a Educação Básica

TATIANA RODRIGUES DE MORAES

ARTE E EDUCAÇÃO: A CERÂMICA COMO FERRAMENTA
PEDAGÓGICA NO ENSINO DE HISTÓRIA

BAURU

2023

TATIANA RODRIGUES DE MORAES

ARTE E EDUCAÇÃO: A CERÂMICA COMO FERRAMENTA
PEDAGÓGICA NO ENSINO DE HISTÓRIA

Texto apresentado como requisito para
obtenção do título de Mestre à
Universidade Estadual Paulista Júlio de
Mesquita Filho – Faculdade de Ciências,
Campus de Bauru – Programa de Pós-
graduação em Docência para a Educação
Básica, sob orientação do Prof. Dr.
Macioniro Celeste Filho.

BAURU
2023

Moraes, Tatiana Rodrigues de.

A arte e educação: a cerâmica como ferramenta pedagógica no ensino de história/ Tatiana Rodrigues de Moraes, 2023

Orientador: Macioniro Celeste Filho

Dissertação (Mestrado)-Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências, Bauru, 2023

1. O ensino de história. 2. Arte e educação. 3. Recurso de ensino. 4. Cerâmica.



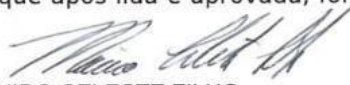
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Câmpus de Bauru



ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE TATIANA RODRIGUES DE MORAES, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DOCÊNCIA PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA, DA FACULDADE DE CIÊNCIAS - CÂMPUS DE BAURU.

Aos 31 dias do mês de agosto do ano de 2023, às 14:00 horas, no(a) Sala 01 - Prédio da Pós Graduação da Faculdade de Ciências, realizou-se a defesa de DISSERTAÇÃO DE MESTRADO de TATIANA RODRIGUES DE MORAES, intitulada "**Arte e Educação: a cerâmica como ferramenta pedagógica no ensino de história.**" e **produto educacional " Práticas cerâmicas em contexto escolar"**". A Comissão Examinadora foi constituída pelos seguintes membros: Prof. Dr. MACIONIRO CELESTE FILHO (Orientador(a) - Participação Presencial) do(a) Departamento de Educação / Faculdade de Ciências de Bauru, Profa. Dra. ROSA MARIA ARAUJO SIMOES (Participação Presencial) do(a) Departamento de Artes e Representação Gráfica / UNESP - Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação de Bauru - SP, Profa. Dra. MARIA DO CARMO MONTEIRO KOBAYASHI (Participação Presencial) do(a) Departamento de Educação / Faculdade de Ciências - UnespBauru. Após a exposição pela mestranda e arguição pelos membros da Comissão Examinadora que participaram do ato, de forma presencial e/ou virtual, a discente recebeu o conceito final: APROVADA. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelo(a) Presidente(a) da Comissão Examinadora.


Prof. Dr. MACIONIRO CELESTE FILHO

Dedico a meu marido e companheiro de todas as horas, William Brisola, que sempre me apoiou a seguir meus sonhos. E aos meus pais, Everaldo e Margarida que são minha luz nos momentos difíceis.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meu pais, Everaldo e Margarida, pela vida, amor incondicional e colaboração em todos os momentos.

Ao meu querido marido, William, sem o seu apoio incondicional nunca poderia estar terminando esse mestrado.

A minha cunhada Evelyn me ajudou muito com este trabalho.

Minha grande amiga Tais que foi quem me incentivou a começar este mestrado, e esteve presente em todas minhas fases difíceis.

A minha amiga Priscila, quem esteve presente no começo desta jornada, e me incentivou a sempre continuar apesar dos muitos problemas que encontrei durante essa caminhada.

A minha Mestre Ceramista Rosangela, que, ao longo deste trabalho me orientou e tirou muitas dúvidas sobre a cerâmica.

A ceramista Adriana Aria, que também contribuiu com informações preciosas sobre o tema.

Minha colega de paixão pela cerâmica, Vera, que me deu importantes lições de vida e puxões de orelha quando necessário.

A minha colega de curso, Sara Mandoline, que foi muito importante durante todo o processo, me ajudou muito durante o mestrado e tornou-se uma amiga para a vida.

A minhas amigas, Sara Noboa e Laís que também foram muito importantes durante essa caminhada.

O meu grande amigo Rangel, que sempre esteve presente a pronto para ajudar.

Agradeço as professoras presentes em minha banca de qualificação, Prof. Dr. Maria do Carmo Monteiro Kobayashi e Prof. Dr. Rosa Maria Araújo Simões, que foram muito gentis em seus apontamentos para o término desta dissertação.

E por fim, agradeço imensamente ao meu orientador Dr. Macioniro Celeste Filho, pela sua atenção e acompanhamento durante todo o mestrado, sem o mesmo não seria possível terminar este trabalho.

Mito Jívaro sobre ciúmes e argila

O sol e a lua, então humanos, viviam antigamente a terra; tinham a mesma casa e a mesma mulher. Esta chamava-se *Aôho*, quer dizer *Noitibó*, e gostava que o sol quente a abraçasse, mas receava o contato com a lua, cujo corpo era muito frio. Sol resolveu fazer ironia com esta diferença. Lua sentiu-se vexada e subiu ao céu trepando por um cipó; ao mesmo tempo, soprou o Sol e eclipsou-o. Com os dois maridos ausentes, *Aôho* julgou-se abandonada. Decidiu procurar Lua no céu e levou um cesto cheio de argila de que se servem as mulheres para fazer a loiça de barro. Lua apercebeu-se, e para se livrar dela definitivamente, cortou o cipó que unia os dois mundos. A mulher caiu com o cesto, a argila espalhou-se na terra onde agora é apanhada aqui ou acolá. *Aôho* transformou-se no pássaro desse nome. Ouve-se em cada lua nova ela fazer o seu grito queixoso e implorar pelo marido que a abandonou.

Mais tarde, o Sol subiu ao céu com a ajuda de outro cipó. Mesmo lá em cima a lua continua a fugir-lhe; nunca vão lado a lado e nem podem reconciliar-se. Por isso o Sol só se vê de dia, e a Lua só de noite.

“Se”, diz o mito, “o Sol e a Lua se tivessem entendido para partilhar a mesma mulher, e em vez de cada um a querer só para si, também entre os Jívaros os homens poderiam ter mulher em comum. Mas, porque os dois astros tiveram ciúmes um do outro e disputaram a mulher, os Jívaro não param de se invejar mutuamente e de combater a propósito das mulheres que querem possuir”.

Quanto à argila que serve para fabricar os vasos destinados às festas e cerimônias, ela provém da alma de *Aôho*, e as mulheres vão apanhá-la onde está, transformada em *Noitibó*, a espalhou quando caiu.

LÉVI-STRAUSS (1985 p. 21-22).

RESUMO

Os professores do Ensino Fundamental I, ao estarem em sala de aula, enfrentam por vezes, uma resistência por parte de alguns alunos em relação a disciplinas mais teóricas. Cabe ao professor planejar propostas de ensino que cativem os alunos. A cerâmica entra neste cenário como uma proposta de ensino que visa educar de uma forma mais atrativa, para que o aluno participe ativamente do processo de aprendizagem, visto que metodologias ativas são estratégias de ensino que tem por objetivo incentivar os alunos a aprenderem de forma autodidata e participativa. Muito se fala atualmente sobre novos recursos de ensino, porém em sua maioria utilizam a tecnologia digital, esquecendo práticas tecnológicas que podem ser ressignificadas com novos objetivos. A cerâmica pode ser uma importante fonte de informação sobre os povos do nosso passado e presente, visto que ela esteve presente em toda a história. A Arte e a História entram nesta proposta através da cerâmica, de forma interdisciplinar, a argila passa a ser um recurso pedagógico. Por meio de problemas e situações reais, realizando atividades práticas que estimulem o aluno a um aprendizado concreto. Nesse contexto o presente trabalho tem como objetivo verificar: Pode a cerâmica ser um recurso, para o ensino de História? Qual a percepção dos professores sobre a utilização da cerâmica em sala de aula? O que os ceramistas acham dessa possibilidade? A pesquisa é de abordagem qualitativa e apresenta caráter exploratório, sendo realizada mediante levantamento bibliográfico, e entrevistas semiestruturadas, nas quais foram criados um roteiro de perguntas previamente estabelecidas. Como resultado desta pesquisa, foi desenvolvido um material didático que aborda técnicas de cerâmica indígena: Acordelado, Beliscão e Paleteado, além de técnicas não indígenas: Placa e Boco, com a finalidade de serem trabalhadas em sala de aula. Visto que existe pouco material disponível sobre assunto, esta pesquisa pode ser utilizada para futuros trabalhos científicos na área.

Palavras-chave: Ensino Fundamental I. História. Arte e educação. Recurso de ensino. Cerâmica.

ABSTRACT

Elementary School teachers, when in the classroom, sometimes face resistance from some students in relation to more theoretical subjects. It is up to the teacher to plan teaching proposals that captivate students. Ceramics enters this scenario as a teaching proposal that aims to educate in a more attractive way, so that the student actively participates in the learning process, since active methodologies are teaching strategies that aim to encourage students to learn in a self-taught way. and participatory. There is currently a lot of talk about new teaching resources, but most of them use digital technology, forgetting technological practices that can be redefined with new objectives. Ceramics can be an important source of information about the people of our past and present, as it has been present throughout history. Art and History enter this proposal through ceramics, in an interdisciplinary way, clay becomes a pedagogical resource. Through real problems and situations, carrying out practical activities that encourage the student to concrete learning. In this context, the present work aims to verify: Can ceramics be a resource for teaching History? What are teachers' perceptions of the use of ceramics in the classroom? What do potters think of this possibility? The research has a qualitative approach and is exploratory in nature, being carried out through bibliographical research and semi-structured interviews, in which a script of previously established questions were created. As a result of this research, teaching material was developed that addresses indigenous ceramic techniques: Acordelado, Pinch Pot and paleteado, as well as non-indigenous techniques: Placa and Boco, with the purpose of being worked on in the classroom. Since there is little material available on the subject, this research can be used for future scientific work in the area.

Keywords: Fundamental Teaching I. History. Art and education. Teaching resource. Ceramics.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Foto da carteira de trabalho com registro da Cerâmica Jurumirim.....	8
Figura 2-Foto da pesquisadora com uma escultura em argila da região.....	9
Figura 3-Foto utilizada na capa do produto.....	42
Figura 4-Foto de um ateliê de cerâmica.....	43
Figura 5-Técnica de Acordelado.....	44
Figura 6-Técnica de Acordelado.....	46
Figura 7-Técnica de Paleteado.....	48
Figura 8-Modelagem por belisco.....	47
Figura 9-Modelagem por Bloco.....	49
Figura10- Panela feita com a técnica de Placa.....	50
Figura 11-Prato com técnica de Placa.....	51
Figura 12-Placa sendo aberta para execução da técnica.....	52

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	6
1.1 Trajetória da pesquisadora	8
2. OS DESAFIOS NO ENSINO DE HISTÓRIA	11
2.1 Planejamento do Ensino	14
2.2 Trajetória da disciplina.	16
2.3 A possibilidade de interdisciplinaridade entre História e Arte	19
3. A IMPORTÂNCIA DA ARTE NA EDUCAÇÃO	22
3.1 Arte e Educação no Brasil	24
3.2 O ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena	29
4. A CERÂMICA COMO RECURSO DE ENSINO	32
4.1 História da cerâmica	35
4.2 Cerâmica Indígena Brasileira	38
5. ATELIÊ DE CERÂMICA: MATERIAIS E TÉCNICAS	42
5.1 Materiais e Ferramentas	43
5.2 Técnicas indígenas	44
5.3 Técnicas não indígenas	49
6. TRAJETÓRIA METODOLÓGICA	55
6.1 Caracterização dos sujeitos.	59
7. ANÁLISE DOS DADOS	61
7.1 Docentes	61
7.2 Ceramistas	67
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	74
9. REFERÊNCIAS	76

1. INTRODUÇÃO

Existe no ambiente escolar em algumas escolas, um distanciamento entre os alunos e a disciplina de História. Vista, por algumas pessoas, como um amontoado de datas, e acontecimentos que, muitas vezes, não fazem sentido para o educando. Deve-se, portanto, levar em consideração a realidade do discente e todas as possibilidades para um melhor processo de ensino e aprendizagem.

Essa visão pode em parte ser verdadeira, entretanto cabe aos professores planejarem formas de abordar a história para que se torne mais próxima e real aos estudantes. Para isso deve-se levar em consideração a realidade do educando e as possibilidades para um processo de ensino e aprendizagem apropriados a realidade do estudante.

É imprescindível a criação de novos meios de ensino e novas propostas didáticas, o educando necessita ser um agente ativo em seu processo de conhecimento. O saber está em um constante desenvolvimento, o educador necessita de novos procedimentos de ensino para uma abordagem efetiva para a disciplina, a qual está sob sua responsabilidade.

Produzir história em um ambiente escolar é desafiador, porém extremamente necessário para o desenvolvimento crítico do estudante. O ensino interdisciplinar surge como um instrumento para o professor de História, as disciplinas não devem ser vistas como isoladas umas das outras, é necessário se entender a possibilidade de intercâmbio entre uma ou mais disciplinas.

Seguindo essa premissa é visto que no ensino da História atualmente existem muitas mudanças, temos a possibilidade de cada vez mais utilização de novos recursos sendo aplicados ao ensino da disciplina. A utilização de técnicas tradicionais alinhadas com as novas tecnologias pode ser muito eficaz, visto que possibilitam uma interação entre teoria e prática.

A utilização e reprodução de cerâmicas tem como finalidade gerar discussões acerca da trajetória humana pela história e difundir elementos de nossa cultura brasileira. Devemos proporcionar aos alunos formas de aprendizagem mais participativas, com a possibilidade de uma reflexão durante todo o processo, é possível indagar aos alunos através de imagens ou até mesmo das peças produzidas: o que são? para que são utilizadas? como surgiram? para que

surgiram? e através dos questionamentos fazermos uma abordagem historiográfica com a cerâmica como um poderoso recurso.

A história da cerâmica está profundamente ligada com a história humana, a partir do momento que o ser humano saiu das cavernas ele necessitava não apenas de um local para se abrigar. Era necessário também utensílios e tecnologias que possibilitaram sua vivência, como vasilhas para armazenar a água, alimentos e grãos. Elas deveriam ser de fácil produção e com capacidade de serem impermeáveis, a cerâmica cumpria com seu papel de forma perfeita. Ao longo do tempo cada civilização produziu sua própria cerâmica com diversas técnicas e tipos de argilas diferentes. É possível através de uma peça de cerâmica saber um pouco mais sobre aqueles que a produziram, sejam pelas técnicas ou formas de decoração.

Podemos utilizar durante as aulas de História a cerâmica como uma importante fonte de informações sobre os povos do passado distante. Existe a possibilidade de se levar os alunos a uma discussão analisando imagens de cerâmicas de diferentes povos, podemos através das peças descobrir sua alimentação, usos das peças e seus costumes.

O ensino da História é muito importante para o desenvolvimento crítico dos alunos, porém, por muito tempo esteve profundamente ligado com datas e uma perspectiva eurocêntrica. Ela apresentava uma longa lista de feitos em ordem cronológica, na maioria das vezes deixando de lado as características culturais dos povos conquistados.

Cabe aos novos educadores buscar metodologias que utilizem a interdisciplinaridade nas aulas com o objetivo de evidenciar a multiplicidade tanto da história mundial, quanto do Brasil.

O objetivo geral desta pesquisa é verificar a percepção dos professores da educação básica sobre a utilização da cerâmica como um recurso de ensino para a disciplina de História. E, através de revisão bibliográfica produzir um material didático que possa ser utilizado em sala de aula.

O presente trabalho foi desenvolvido através de pesquisa bibliográfica em bancos de dados de grandes universidades como o Dedalus (USP), Athena (UNESP) e artigos científicos do site Scielo. Livros de autores da área da educação e arte-educação. Além de contar com entrevistas que visam mostrar a opinião de

professores e ceramistas sobre o assunto abordado nesta pesquisa.

1.2 Trajetória da pesquisadora

Essa pesquisa surgiu em razão do meu amor pela História, Arte e o barro, uma tentativa de união de minhas paixões. Portanto, o presente trabalho apresentará os resultados da pesquisa sobre a utilização da cerâmica como um recurso pedagógico para o ensino de História no fundamental I.

Desde a infância existiu em mim uma curiosidade muito grande em relação a história das pessoas, e cidades que a cercam. É maravilhoso ver um objeto antigo e tentar imaginar as histórias. Em cada foto, objeto ou construção, existe uma sensação de nostalgia.

Aqui no interior de São Paulo, tem um pequeno povoado que fez parte da história de muitas pessoas no passado, neste lugar existia uma cerâmica que ficava localizada na zona rural da cidade de Itaí-SP. Viviam ali pessoas que trabalhavam na cerâmica. A antiga “Cerâmica Jurumirim”. Foi fundada em 1977 e deixou de funcionar em 2004.

1.2 Foto da carteira de trabalho do pai da pesquisadora, na época em que trabalhava na cerâmica Jurumirim.

Figura 1 –Carteira de trabalho.



FONTE: MORAES (2023).

Entretanto, sua existência interessante, desde que nasci na época em que meu pai trabalhava e vivia neste local como auxiliar de cerâmica, em consequência, o barro esteve presente em minha vida desde muito cedo. E continuou sempre presente, muitos de meus familiares trabalharam em cerâmicas, existentes na região, visto que a argila presente na região é abundante, possui plasticidade e pode ser utilizada para diversos fins. Ela pode ser utilizada para fazer tijolos, telhas e alguns utensílios domésticos, como pratos, copos, canecas, etc...

Apesar de me mudar muito cedo de lá, nunca deixei de ter contato com o lugar, pois muitas pessoas da minha família também passaram por lá. Assim como nunca deixei de ter contato com cerâmicas, que são abundantes na região, minha família tem sua história de certa forma atrelada a essas olarias.

Essa foi uma das razões para meu interesse em propor a cerâmica como uma possibilidade pedagógica, pois cresci brincando com o barro e reconheço o quanto isso contribuiu para meu crescimento.

A história de nossa região, e de nossos antepassados podem ser contadas através da cerâmica, inclusive a história dos indígenas que viveram aqui antes de nós, e dos quais a maioria de nós descende em maior ou menor grau.

Durante a minha formação em Artes Visuais fiz diversos cursos de cerâmica e acabei me apaixonando ainda mais por essa arte, além de perceber como a argila pode ser utilizada para diferentes possibilidades de ensino. Atualmente curso História e vejo a importância de propor novos recursos de ensino para a disciplina.

1.3 Na imagem abaixo é apresentada a professora pesquisadora em uma das aulas de cerâmica feitas durante a realização deste trabalho.

Figura 2 : Escultura com argila da região de Itaí-SP.



FONTE: MORAES (2023).

Ao me tornar professora utilizei a argila em sala de aula em muitas ocasiões, e percebi o quanto o barro pode ser excelente para aguçar a curiosidade dos alunos, então me surgiu os questionamentos: É possível utilizar a cerâmica como um recurso de ensino? Ela pode ser utilizada na disciplina de História? Quais podem ser as dificuldades encontradas ao longo do processo?

Nos próximos tópicos abordarei sobre as dificuldades encontradas pelo professor de História, a possibilidade de um ensino interdisciplinar com disciplina de Arte e a utilização da cerâmica como um recurso de ensino.

Este trabalho está configurado na seguinte formatação: No primeiro tópico encontra-se a Introdução da pesquisa. Ela abordada uma breve contextualização sobre o tema pesquisado e o objetivo de pesquisa. Além de um pouco da história pessoal da professora pesquisadora e sua motivação para o desenvolvimento deste trabalho.

No segundo tópico será abordado sobre o ensino de História, o contexto histórico da disciplina, e possíveis problemas encontrados.

No terceiro tópico irá abordar a importância da Arte na Educação, e o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena.

No quarto tópico será abordado a cerâmica como recurso de ensino. Sua história, a cerâmica indígena brasileira e o ateliê de cerâmico.

No quinto tópico encontra-se a metodologia de pesquisa e análise de dados.

No sexto tópico as considerações finais.

E por fim, no sétimo tópico as referências.

2. OS DESAFIOS NO ENSINO DE HISTÓRIA

Este trabalho não pretende mostrar soluções acabadas e definitivas sobre o tema, mas sim apresentar pontos importantes para o desenvolvimento tanto do professor como do aluno de História.

Na atual sociedade, as pessoas vivem em uma época de mudanças bruscas, incertezas e desafios. Essas mudanças que ocorrem no cenário cultural, político e econômico, acarretam diversos problemas para os professores, em especial para os de História.

A História como disciplina surge com diversos debates sobre como ela deve ser abordada a fim de não a submeter aos interesses de determinados setores da sociedade.

Segundo Bittencourt (2018), a História, enquanto disciplina escolar, possui uma longa história, permeada de conflitos e controvérsias na elaboração de seus conteúdos e métodos.

Existe também uma contradição entre a História que é apresentada em materiais didáticos e a que é vivida dentro do ambiente escolar. Cada município possui uma cultura escolar diferente, portanto a forma como deve ser abordada a disciplina deve ser adaptada as particularidades de cada comunidade.

Com a criação da escola primária, inicialmente ela estava voltada a alfabetizar os alunos, com isso era dada pouca importância para a disciplina de história. Houve uma mudança a partir da década de 1970, quando seu principal objetivo passou a ser a formação de uma moral cívica.

Inicialmente foi objeto de poucos estudos nas escolas encarregadas de alfabetizar, mas à medida que se organizava e se ampliava esse nível de escolarização, a partir da década de 1970, sua importância foi ampliada como conteúdo encarregado de veicular uma história nacional e como instrumento pedagógico significativo na constituição de uma “identidade nacional”. Esse objetivo sempre permeou o ensino de História para os alunos de “primeiras letras” e ainda está presente na organização curricular do século XXI. (BITTENCOURT, 2018, p. 46)

A memorização esteve presente na vida de muitos alunos durante as aulas de história, por muito tempo a disciplina esteve focada em decorar os fatos e datas.

Segundo Bittencourt, (2018), aprender história significava saber de cor os nomes, datas e fatos, repetindo exatamente o que estava escrito no livro ou copiado nos cadernos.

A disciplina por muito tempo foi reduzida a datas e feitos, sem qualquer pausa

para análise. Os materiais didáticos, em sua maioria mostravam informações superficiais. Em sala de aula ainda é possível se observar o descontentamento, que ocorre atualmente, tanto por parte do professor que encontrava dificuldades, como a falta de interesse por parte dos alunos. Porque, necessitam a proximidade da disciplina com suas realidades.

A cultura do eterno presente coloca questionamentos e dúvidas a respeito da história como instrumento de análise e transformação da realidade e, por conseguinte, do papel que o professor desempenha na sociedade. O que está em jogo é a validade do conhecimento para o aluno e para o próprio docente.

O que e como ensinar tornam-se questões prementes neste início de milênio (AVELAR, 2012, p. 14).

Atualmente, se faz necessário o alinhamento do conhecimento da disciplina de história com outras disciplinas para uma aula mais “atraente”. Por muito tempo as disciplinas escolares foram organizadas separadamente, e acabamos por acreditar que essa é a melhor maneira de organizar o currículo escolar.

A História e outras tantas disciplinas escolares, como a Matemática, a Geografia e a Educação Física, tem, nas últimas décadas, feito parte do cotidiano de milhares de alunos e professores de tal forma, que acabamos por achar natural essa organização curricular e essa maneira de “ser da escola”. Existem as “matérias” e os respectivos professores encarregados de ministrá-las, obedecendo a determinada carga horária no decorrer de um tempo específico chamado “ano letivo”. (BITTENCOURT, 2018, p. 27)

Muitos problemas encontrados no ensino de História atualmente são antigos, principalmente a questão da falta de interesse na disciplina, ou o não entendimento de sua importância.

Segundo Borges, (1982), a história, como as outras formas de conhecimento da realidade, está sempre se construindo: o conhecimento que ela produz nunca é perfeito ou acabado.

As dificuldades encontradas nos anos iniciais do Ensino Fundamental I são ainda maiores. Além de problemas estruturais e da falta de materiais, existe uma grande resistência com a teoria, pois não veem motivos suficientes para aprender sobre acontecimentos passados.

Há de certa forma, um sentimento comum entre os estudantes de que a História é uma disciplina menor, inferior em importância à Matemática e ao Português por exemplo. Os estudos na nossa disciplina se resumem ao mero

cumprimento de exigências de aprovação, sem maiores preocupações em relação às atividades que o conhecimento histórico oferece para a compreensão e para a intervenção no real (AVELAR, 2012, p. 21).

Desde o começo do ensino história no Brasil, era impossível desvencilhar a disciplina de interesses políticos. Muito da trajetória do país foi deixada de lado, afinal não era interessante contar os fatos pela visão do colonizado.

A História do Brasil, nunca foi conteúdo considerado essencial para a formação da identidade nacional, o que vale também para os tempos atuais. A História do Brasil tende a continuar como parte menos substantiva dos conteúdos históricos escolares, enquanto se preconiza o ideário de uma identidade supranacional, para que todos possam se sentir “cidadãos do mundo.” (BITTENCOURT, 2018, p. 138)

Desde a Proclamação da República, em 1889, o objetivo da educação brasileira era formar o cidadão para ser uma força de trabalho.

A diminuição dos conteúdos referentes ao Brasil, explica-se não pela sua inserção em uma história integrada, mas pela opção teórica que continua priorizando apenas as explicações estruturais para as situações nacionais ou regionais. A história do Brasil aparece como apêndice da história global, e sua existência deve-se ao desenvolvimento do capitalismo comercial, a partir da expansão marítima europeia. (BITTENCOURT, 2018, p.139)

A educação desde o princípio de sua história não conseguiu se desvencilhar dos ideais políticos, a formação do professor seguiu-se de forma precária. Mesmo os livros didáticos não escaparam, eles refletiam tudo que o governo almejava para o ensino de História.

A precarização na formação do docente seguiu-se a implantação, no ano de 1971, dos chamados Estudos Sociais, englobando, no primeiro grau, as disciplinas de História e de Geografia. O professor formado em Estudos Sociais poderia ainda lecionar a disciplina de Educação Moral e Cívica. Pretendia-se formar professores com o mais amplo leque de conhecimentos possíveis, descaracterizando flagrantemente o campo das Ciências Humanas. A ênfase recai na aquisição de uma formação generalista, com maior preocupação com os métodos e com as técnicas de ensino do que com os conteúdos específicos (AVELAR, 2012, p. 24).

Infelizmente, o saber não deixou de ser condicionado a uma ordem política, inclusive após o governo militar (1964-1985), o ensino de História passou a ser um instrumento de condicionamento indispensável no capitalismo. Como resultado, muitos professores foram perseguidos.

São os homens que fazem a história; mas, evidentemente, dentro das condições reais que encontramos já estabelecidas, e não dentro das condições ideais que sonhamos. Eis aí a razão de ser, a justificativa da História, em seu segundo sentido: o conjunto com outras formas de conhecimento, as condições de nossa realidade, tendo em vista o delineamento de nossa atuação na história. (BORGES, 1982, p. 45)

O professor precisa conhecer sobre seus alunos, quais são seus conhecimentos e suas necessidades, para poder assim contribuir para seu aprendizado.

É necessário um rompimento com as formas tradicionais de ensinar, o professor precisa focar em seu planejamento, encontrar novas maneiras para cativar o interesse dos alunos.

O contexto de formação de professores/as é múltiplo, vasto, dinâmico, heterogêneo. São sujeitos com as mais variadas inquietações, expectativas, motivações que fazem parte de complexas redes culturais. Nascemos, crescemos, vivemos em determinados contextos que nos formam e nos quais formamos concepções acerca da vida, da educação, das relações sociais; fazemos nossas escolhas, tecemos nosso caminho em busca do que queremos ser (ZARBATO, 2013, p. 137)

Muitas vezes é tirada do aluno a possibilidade de pertencimento, a maioria dos estudantes não têm a possibilidade de saber sobre suas origens. A história do Brasil é repleta de apagamentos propositais que refletem na abordagem do professor de História. Nos primeiros anos do Ensino Fundamental I, essa necessidade de uma busca identitária é ainda mais observado.

Segundo Avelar (2012, p. 28) “A memória nasce do esforço de reabilitação, da interdição do esquecimento e da busca de registros que nos situam como pertencentes a um percurso Histórico”.

Seguindo a busca por uma construção identitária, umas das possibilidades de ensino em História é a temática da cultura popular. Pois ao tratar a história de pessoas consideradas comuns, pode-se trazer a disciplina para um ponto mais próximo da realidade do educando e a partir dela partir para conhecimentos necessários à sua inserção na sociedade.

2.1 Planejamento do Ensino

O ato de planejar as aulas de História deve ser pensado, tanto o tempo que será necessário para o ensino do conteúdo, quanto a possibilidade de contar com a parceria de professores de outras disciplinas.

O ensino de História coloca os sujeitos em diálogo com o mundo e consigo mesmos, apontando a sua pertinência na medida em que a própria condição de humano perpassa pela historicidade dos contextos, somando ao fato de tudo que conhecemos a exemplo da memória, mentalidade, conhecimentos, costumes, valores, a própria cultura entre outras coisas, são historicamente e humanamente produzidos (SILVA, 2021, p. 4)

Muitos professores utilizam como apoio para sua prática docente livros didáticos sem pensar criticamente em que tipo de conteúdo estão levando para a sala de aula, e sem refletir em maneiras mais criativas e interessantes de trabalhar

com os estudantes, tal afirmativa reflete as pesquisas de Cainelli (2010).

A utilização de livros didáticos de história pode auxiliar a ensinar história no ensino fundamental, mas também pode criar alguns problemas como, por exemplo, entender a história como algo pronto e acabado, com conteúdo predefinidos sem levar em conta o contexto e os sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem (CAINELLI, 2010, p. 25)

A escola é um local de construção dos conhecimentos, e é extremamente importante os estudantes participarem ativamente da prática docente, e assim construir seu pensamento crítico.

O conhecimento histórico em sala de aula, como já enfatizamos, deve pressupor a atividade incessante de investigação. A pesquisa deve proporcionar não apenas o contato com o passado por meio da utilização metodologicamente apropriada de fontes históricas de naturezas diversificadas. Os fatos isolados não possuem um sentido histórico (AVELAR, 2012, p. 89).

O ser humano é constituído em seu tempo, ele é um ser histórico que acompanha os pensamentos e mudanças de sua época. Sua visão é constituída pelo local em que está inserido, ou seja, o ser humano necessita desta compreensão para modificar seu modo de agir e pensar.

Deve-se, portanto, encarar o ensino de História como um importante aliado no desenvolvimento social, cultural e crítico.

A história da educação é parte da história cultural, tal como essa, por sua vez, é parte da história geral. (...) para nós a História é um estudo da realidade humana ao longo do tempo. Não é, pois, matéria apenas do passado, senão que o presente também lhe pertence, como corte, secção, no desenvolvimento da vida humana. Por outro lado, a história e cultura se referem antes aos produtos da mente do homem, tais como se manifestam na arte, na técnica, na ciência, na moral ou na religião e suas instituições correspondentes (LUZURIAGA, 1984, p.1)

O professor de História precisa ir muito além da reprodução de fatos históricos em ordem cronológica, ele deve problematizar as questões e exercitar o pensamento crítico, deve-se observar o passado para mostrar as possibilidades que existem no presente. Porém, segundo Avelar (2012) uma das dificuldades do ensino de História nas séries iniciais reside na pouca capacidade de abstração dos alunos nessa faixa escolar.

Deve-se, portanto encarar o ensino de História como uma importante possibilidade de se exercitar o pensamento crítico, para um desenvolvimento social e cultural. Os alunos podem aprender muito mais através de participação ativa nas atividades, no passado, as crianças aprendiam com seus pais ou mestres através de

tradição oral, o mito possuía importante papel no aprendizado.

Algumas sociedades atuais utilizam esse método para propagar sua cultura, sua história é contada através de mitos, o conhecimento é um bem de todos. O mito pode ser utilizado para contar a origem das coisas, de forma a explicar e demonstrar por meio de ações dos personagens.

Os gritos em muitas sociedades africanas, por exemplo, são também referências no que diz respeito à narração de histórias, como guardiões da memória; assim como pajés ou xamãs também são referências nesse aspecto em muitas sociedades indígenas aqui no Brasil (PEREIRA; MONTEIRO, 2013, p. 8)

Contudo, o planejamento de quais conteúdos e como será ofertado aos alunos deve considerar sobretudo o local onde vivem, suas perspectivas e possibilidades.

Segundo Avelar (2012) aplicação dos conceitos no processo de ensino e aprendizagem do passado histórico não podem ser feitos sem tomarmos alguns cuidados teóricos e metodológicos.

Cabe ao educador abordar a história de uma forma abrangente, levando em consideração a cultura e diversidade dos povos e sobretudo, os conhecimentos dos estudantes.

Eles foram produzidos em determinado contexto para designar determinados fenômenos históricos. Se pensarmos, por exemplo, na palavra conceito escravidão, podemos perceber sentidos diversos para seu uso. A escravidão existente na Roma ou na Grécia antigas não possuem o mesmo significado da escravidão no período colonial brasileiro (AVELAR, 2012, p. 94).

Deve-se, portanto, escolher a forma com que será abordada a disciplina de História e quais recursos utilizar para que os alunos consigam aprender a História de uma maneira mais prazerosa e eficaz. Superando assim as dificuldades encontradas tanto pelos professores quanto pelos educandos.

2.2 Trajetória da disciplina.

É visto durante a história da educação do Brasil uma grande diferença entre o ensino dos filhos da elite e o restante da população. Desde o começo, no Brasil, em seu período colonial o estudo era reservado aos filhos dos colonos, para diferenciá-los dos indígenas e negros, seu ensino era totalmente europeu.

O ensino público oficial foi implantado em nossas terras em 1772, porém existia um grande problema quanto à organização, e até 1837 a disciplina de história

era uma disciplina optativa.

[...] ordem dos acontecimentos era articulada pela sucessão de reis e pelas lutas contra invasores estrangeiros, de tal forma que a história culmina com os grandes eventos da Independência e da Constituição do Estado Nacional, responsáveis pela condução do Brasil ao destino de ser uma grande nação (BRASIL, 1997, p. 21)

A introdução da disciplina de História no ensino secundário teve início em 1855, inicialmente os ensinamentos eram feitos através dos textos clássicos. O ensino era semelhante ao europeu, o objetivo era formar pregadores e difundir a moral aos colonizados. Era uma forma de mostrar também as diferenças que poderiam ser utilizadas para justificar as violências ocorridas no processo de colonização.

Somos irresistivelmente levados a considerar como única e verdadeira a civilização europeia que é a nossa, e a esperar que ela absorva ou rechace as suas rivais. [...]. O próprio continente africano não escapa a esta fecunda iniciação, nem tampouco ao longínquo arquipélago oceânico, chamado pela Inglaterra, pela Holanda e pela França ao convívio da civilização europeia (BENEVIDES, 1912, p. 21)

Com a Proclamação da República, 1889, e as mudanças geradas no período, começou-se um maior interesse na educação.

Com a introdução do regime político republicano e do direito de voto para os alfabetizados, as políticas educacionais procuravam proporcionar a escolarização para um contingente social mais amplo, e novos programas curriculares buscavam sedimentar uma identidade nacional, por meio da homogeneização da cultura escolar no que se diz respeito à existência de um passado único na constituição da Nação. (BITTENCURT, 2018, p. 48)

Os setores sociais, carentes, que anteriormente eram “esquecidos” no processo de escolarização, a partir de então passou a ser incluído nos programas e planejamentos.

Segundo Bittencourt, (2018), o ensino de História na escola primária precisava assim integrar setores sociais anteriormente marginalizados no processo educacional.

Entretanto, alguns educadores da época acreditavam que deveriam ser ensinados valores sobre a obediência e hierarquia, de modo ao Brasil tornar-se uma nação.

O conceito de cidadania, criado com o auxílio dos estudos de História, serviria para situar cada indivíduo em seu lugar na sociedade: cabia ao político cuidar da política, e ao trabalhador comum restava o direito de votar e de trabalhar dentro da ordem institucional. (BITTENCURT, 2018, p. 50)

Nas primeiras décadas do século XX, existiam muitas escolas primárias diferentes, tanto escolas rurais, quanto urbanas, elas tinham um ensino muito mais precário do que as escolas da elite.

Ainda segundo Bittencourt, 2018, existiam muitos professores e historiadores que não concordavam na época com essa visão elitizada da educação, eles propunham uma educação voltada a população, na qual os brasileiros de classes mais baixas pudessem realmente se identificar.

Nas escolas rurais, principalmente, existiam salas multisseriadas, em que a professora precisava dar atenção a alunos de diferentes fases de aprendizado, além da precariedade de recursos e materiais didáticos.

No transcorrer das primeiras décadas do século XX, nas áreas urbanas e rurais, havia uma diversidade de escolas primárias, de escolas públicas que seguiam o modelo dos grupos escolares e de muitas outras mais precárias, além de escolas particulares confessionais ou criadas por diversos grupos de imigrantes e outros setores laicos que, muitas vezes, atendiam alunos trabalhadores, em sua maioria adultos. (BITTENCURT, 2018, p. 51)

Foi a partir da década de 1930 que surgiram novas propostas de estudos, baseadas nos Estudos Sociais, que pretendiam a inclusão das pessoas como indivíduos na sociedade, para que o aluno pudesse ser incluído na sua comunidade.

Segundo Bittencourt (2018), nessa perspectiva de ensino, o passado mais próximo era, antes de tudo, o imediato, o local, o escolar. Essa mudança visava introduzir os alunos nos temas conforme sua idade, essas escolas eram chamadas de escolas experimentais.

Em 1960, houve uma reforma educacional, motivada pela ditadura militar, a disciplina de história foi incluída em todo o sistema de ensino, estendendo-se para as demais séries.

Em decorrência do método ático, surgiu uma proposta de conteúdo cujo princípio de seleção era dos círculos concêntricos. Os conteúdos organizavam-se por estudos espaciais- domais próximo ao mais distante-, e os estudos históricos tornaram-se bastante reduzidos, constituindo apêndices de uma geografia local e uma educação cívica. (BITTENCOURT, 2018, p. 59)

A partir da década de 1990 e início do século XXI foram feitas uma série de reformulações curriculares, não só no Brasil, como em outras nações também.

Os currículos de História, no Brasil, têm seguido modelos principalmente de países europeus, onde o desenvolvimento de um país é baseado no lucro.

Segundo Bittencourt (2018) à sociedade, cabe a difícil tarefa de ser educada para competir e viver de acordo com a lógica do Mercado que, aparentemente, exige

domínios mais amplos do “conhecimento”.

A partir de 1966, os Parâmetros Curriculares Nacionais-PCN(Brasil,1998), tiveram seu início, baseado em pressupostos Piagetianos.

Atualmente existe a necessidade de um rompimento com as formas tradicionais de ensino, e uma das possibilidades apontadas por estudiosos é a do ensino interdisciplinar.

O rompimento com as formas tradicionais de trabalhar os conteúdos escolares não é tarefa fácil. Alguns especialistas do tema da interdisciplinaridade educacional, como é o caso de Ivani Fazenda, destacam a importância do engajamento do docente, enfatizando a necessidade de mudança de postura ante o conhecimento escolar, para que seja possível a realização de um trabalho interdisciplinar nas escolas. (BITTENCURT, 2018, p. 212)

Vemos que é muito importante ao professor de história estar aberto a novas abordagens de ensino, como a interdisciplinaridade, que será abordada no próximo tópico.

2.3 A possibilidade de interdisciplinaridade entre História e Arte

O ensino interdisciplinar consiste em utilizar duas ou mais disciplinas em um processo de ensino e aprendizagem.

O ideal é que os professores compreendam que o modelo da proposta de trazer a interdisciplinaridade para a sala de aula é relacionar os saberes, evitando que as áreas presentes no trabalho se destaquem mais que outras. Com isso, é possível pensar numa asserção interdisciplinar para o trabalho educativo. (CALDAS; HOLZER; POPI, 2017, p. 8)

Essa possibilidade em si não é inovadora, porém existe ainda a ideia equivocada de que o conhecimento é dividido em "caixas", como se cada campo do saber fosse totalmente separado do outro, sem uma interação entre as disciplinas escolares.

As disciplinas de Arte e História nasceram com a possibilidade de uma interdisciplinaridade mais fluida. A História está presente em todos os outros campos do saber. Para Barros (2019) os historiadores podem e devem dialogar tanto com os demais saberes científicos como com os campos artísticos de expressão.

A Arte por sua vez pode ser utilizada como um poderoso recurso para o ensino de outras disciplinas. Ainda segundo o Barros (2019) as tradicionais formas artísticas de expressão como, por exemplo, a Literatura, o Cinema, a Música, e mesmo as Artes Visuais podem se apresentar como diálogos possíveis.

Existem ainda discussões acerca da natureza artística da História, pois ela precisa lidar em suas narrativas de forma criativa. Ela pode transitar entre a ciência e a arte de forma natural.

Em um momento de fechamentos disciplinares, no qual começaram a ser pensados mais rigorosamente as diferenças entre ciência e arte, a história foi levada a se posicionar mais de um lado do que do outro, mas também de alguma maneira, entre as duas dimensões (BARROS, 2019, p. 22).

A linguagem da História é múltipla, ela pode derrubar barreiras, o ensino de História vem apresentando grandes mudanças e novidades por conta da possibilidade de apropriação de práticas pedagógicas em sala de aula, essas mudanças vêm sendo apresentadas desde a década de 1980.

Como é dito por Fermiano (2014, p.138) No processo de ensino e aprendizagem a utilização de materiais e linguagens diversificadas com o objetivo de tornar a compreensão do processo histórico mais pertinente e significativo. é algo extremamente válido.

O professor não deve ser apenas um transmissor de conhecimento. Ele não deve esperar que o aluno esteja apenas passivo ao seu processo de aprendizagem.

Ao contrário, deve estar sempre atento a possibilidade de resolver problemas que, muitas vezes, não podem ser resolvidos com apenas uma disciplina ou área do saber. A interdisciplinaridade é uma prática de ensino que pode ser utilizada com a finalidade de um aprendizado mais completo. Esta prática pedagógica ainda é pouco conhecida, ela consiste na interação entre duas ou mais áreas do saber. Uma área do saber não deve se constituir de forma isolada, é fundamental para uma disciplina estar em harmonia com outras áreas do conhecimento para atingir o processo de ensino e aprendizagem com totalidade.

No final da década de 60, a interdisciplinaridade chegou ao Brasil e logo exerceu influência na elaboração da Lei de Diretrizes e Bases Nº 5.692/71. Desde então, sua presença no cenário educacional brasileiro tem se intensificado e, recentemente, mais ainda, com a nova LDB Nº 9.394/96 e com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). Além de sua forte influência na legislação e nas propostas curriculares, a interdisciplinaridade ganhou força nas escolas, principalmente no discurso e na prática de professores dos diversos níveis de ensino (CARLOS, 2007, p.1)

No ensino de História, essa prática pode ser bem-vinda, visto que os alunos por vezes, não demonstram muito interesse pela teoria, já que a mesma nem sempre condiz com sua realidade e não traz identificação ao mesmo.

Pode-se utilizar a arte como um fio condutor da curiosidade e criatividade do educando em sala de aula. Como diria Andrade (2006) a possibilidade de um experimento do fazer artístico, em geral, pode proporcionar aos educandos possibilidades de curiosidade acerca de suas realidades culturais numa constante confrontação com o mundo que os cerca.

Neste sentido, a Interdisciplinaridade entre Arte e História pode ser capaz de mover a capacidade investigativa dos educandos. Pensando no artesanato, por exemplo, como um meio interdisciplinar, que pode ser utilizado como um recurso pedagógico. Ele geralmente está envolvido em uma comunidade, na qual podemos abordar sua história, cultura, costumes, servindo então de eixo para o ensino de História nas escolas.

Não será de grande surpresa, se ao trabalhar como tema arte, alunos e professores tomarem contatos com aspectos de um passado que propicia a produção manual de objetos em um cotidiano que transcorria em ritmos mais lentos, em que a transmissão de conhecimentos acumulados (às vezes por gerações) era feita de outra forma (direta e oralmente, de pai para filho ou de mestre para aprendiz, por meio de trabalho prático) (FERMIANO, 2014, p. 245).

Este é apenas um exemplo de possibilidade, mas a arte pode ser utilizada em diversos âmbitos em uma aula de História. Assim, como diversas linguagens artísticas possuem essa possibilidade. É extremamente interessante desenvolver a disciplina, sem perder seu foco nos seus conteúdos, podendo ser atrelada a outras disciplinas. Como dizia Fermiano (2014, p. 138), “Além de ampliar as possibilidades da aula de História com o trabalho integrado interdisciplinar transversal, mostra aos alunos que as áreas do conhecimento não são estanques, fechados entre si.”

3. A IMPORTÂNCIA DA ARTE NA EDUCAÇÃO

Antes da escrita como conhecemos hoje, os seres humanos em diversas partes da terra encontravam formas de se expressar e se comunicarem através da arte. A linguagem artística carrega em sua essência a ideologia e cultura da sociedade a qual está inserida. Toda cultura de um povo pode ser estudada através da arte, conhecemos civilizações perdidas através dos vestígios arqueológicos e documentos históricos deixados por elas.

As mais antigas representações artísticas dos seres humanos são as pinturas rupestre, elas são muito estudadas na arqueologia. Elas podiam ser feitas com sangue de animais e minerais como a argila por exemplo. Era a necessidade que o ser humano sentia de se fazer um registro através de figuras e marcas. Com o decorrer da história, a arte foi ficando cada vez mais cheia de significados e sua importância foi crescendo.

A arte pode consistir num precioso instrumento para a educação sensível, levando-nos não apenas a descobrir formas até então inusitadas de sentir e perceber o mundo, como também desenvolvendo e acurando os nossos sentimentos e percepções acerca da realidade vivida (DUARTE JUNIOR, 2009, p. 23)

A trajetória humana pode ser estudada através da análise de produções artísticas, o que aponta para a importância da Arte nas aulas de história e no processo de ensino, aprendizagem na mediação em sala de aula das temáticas de história.

O papel do professor, atualmente, não é apenas de trazer conteúdos milimetricamente decorados e depositar em seus alunos como se eles fossem uma casca vazia, ele deve agir como um organizador e estimulador do saber.

Segundo Porto (2014, p. 63) O bom educador sabe valer-se do potencial criativo da criança, guiando-a pelo caminho da reflexão e da crítica em relação ao seu meio. Podemos, portanto, utilizar como recursos pedagógicos visitas aos museus, às oficinas em sala de aula e até mesmo a visita a ateliês.

Essas propostas de usos de espaços culturais são abordadas na presente dissertação como um recurso para o ensino de História. Através da arte, os alunos além da possibilidade de explorar novas perspectivas, conseguem aprender muito mais colocando suas ideias em prática. O ensino da Arte não deve ser utilizado apenas como uma matéria complementar e sim como uma importante aliada para o

ensino de todas as disciplinas. Ainda segundo Porto (2014) fazer uso de elementos lúdicos no ensino é uma iniciativa inteligente, construtiva, interativa e sadia.

O que nos faz humanos, é nossa capacidade criativa.

Pude constatar os avanços dos alunos por meio do ensino das artes, indo de atividades simples como a de segurar um lápis ou de como utilizar a tesoura, em que desenvolviam a coordenação motora fina, ao desenvolvimento da criatividade, expressão, e interação com o grupo, colaborando para a construção da grande variedade de habilidades cognitivas e motoras, para estimular as múltiplas inteligências, assim como, tornar o processo ensino-aprendizagem em outras disciplinas mais eficaz (NUNES, 2015, p. 3)

Nesse sentido, é importante que o ensino da Arte nas escolas seja pensado para levar o aluno a construir também conhecimentos importantes para sua realidade e vida em sociedade. A educação em Arte pode ser feita utilizando a abordagem triangular desenvolvida por Ana Mae Barbosa (2014) que consiste na construção do conhecimento, o professor pode seguir os eixos da proposta em conjunto com os alunos e professores de outras disciplinas.

Segundo Barbosa (2014) há muita apropriação adequada da proposta triangular por professores de outras áreas, porque a proposta não se baseia nos conteúdos, mas em ações.

A abordagem triangular criada por Ana Mae Barbosa (2014), pode ser um recurso extremamente interessante, a ser utilizada em uma oficina de cerâmica.

Pode ser iniciado pelo apreciar (ler as peças cerâmicas, cores, formas, desenhos em suas superfícies e refletir de maneira crítica), segundo contextualizar (Obter informações, permitindo a interdisciplinaridade entre a História da Arte e outras áreas do conhecimento) e Terceiro, produzir (fazer ou produzir a peça cerâmica) não sendo necessário seguir todas as etapas nessa sequência.

A abordagem triangular permite uma interação dinâmica e multidimensional entre as partes e o todo e vice-versa, do contexto do ensino da arte, ou seja, entre as disciplinas, no inter-relacionamento das três ações básicas: ler, fazer e contextualizar e no inter-relacionamento de quatro ações decorrentes, decodificar, experimentar, refletir e informar. (RIZZI, 2008, p. 345)

É extremamente importante que o educador esteja sempre em busca de novos processos. Através da arte, as crianças, e os adultos podem demonstrar seu potencial como sujeito de transformação. Eles são capazes de se sentir pertencentes à sua realidade e aprender cada vez mais sobre o tema proposto.

3.1 Arte e Educação no Brasil

O ensino de arte no Brasil teve início muito antes da chegada dos portugueses, pois os indígenas já possuíam uma vasta produção artística.

A arte como conhecemos, não deve ser considerada somente sobre quanto a beleza, e sim muito mais sobre o que ela provoca nas pessoas, nesse sentido, na arte indígena existem muito mais similaridades que podemos imaginar. Segundo Lagrou, (2018), muito dos artefatos e grafismos marcam o estilo de diferentes grupos indígenas.

Após os portugueses se estabelecerem nas terras brasileiras, o ensino Jesuítico foi a primeira forma de ensino desenvolvida. O ensino de arte era aplicado às missões, era, portanto, completamente voltado às necessidades cotidianas. Utilizavam também como uma ferramenta prática de ensino para catequizar os indígenas, que por sua vez mostraram muita habilidade em práticas manuais.

Segundo Nascimento (2005) as manifestações artísticas eram poderosas práticas, como a música, por exemplo, que era um elo entre eles e os indígenas e estava diretamente ligada às atividades religiosas.

Alguns objetos artísticos também poderiam ser produzidos com a finalidade de serem utilizadas no dia a dia dos Indígenas e jesuítas. Poderiam tanto ter fins domésticos, quanto para práticas religiosas.

Ainda segundo Nascimento (2005) havia escolas práticas de artes e ofícios nas quais eram produzidos utensílios, talhas, esculturas, pinturas, destacando trabalho em madeira e cerâmicas.

No período Barroco, os artesãos aprendiam com os mais velhos. O conhecimento ocorria através de oficinas com artesãos mais experientes, estes recebiam o nome de mestres.

O ensino da arte barroca tinha lugar nas oficinas através do fazer sob a orientação do mestre. A atividade de Manoel Dias de Oliveira (1764-1837), como professor da aula régia de desenho e figura em 1800, já introduzido ao código neoclássico aprendido por ele na Europa, não chegou a interferir, nem de longe a abalar a corrente dominante nas oficinas da Bahia, Minas Gerais e Pernambuco (BARBOSA, 2015, p. 2)

A comitiva portuguesa chegou ao Brasil no dia 22 de janeiro de 1808, desembarcando em Salvador. Após permanecer alguns dias em Salvador, a família real portuguesa partiu para o Rio de Janeiro, desembarcando lá em 8 de março de 1808, e com eles vem a Missão Artística Francesa, com seu modelo neoclássico.

Esta missão representou um grande avanço, pois muitas técnicas e estudos diferentes foram trazidos ao país, mas não para a população em geral, somente para a aristocracia.

A primeira institucionalização sistemática do ensino de arte foi a Missão Artística Francesa, e um dos poucos modelos com atualidade no país de origem no momento de sua importação para o Brasil. Quase sempre os modelos estrangeiros foram tomados de empréstimo numa forma já enfraquecida e desgastada (BARBOSA, 2015, p. 2)

Em 1826, foi criada a escola de Ciências, Artes e Ofícios, porém apesar de sua proposta inicial, o ensino acabou sendo reservado às camadas mais abastadas da sociedade.

Entretanto, quando aquela escola começou a funcionar em 1826 sob o nome de Academia Imperial das Belas Artes, não só o nome havia sido trocado, mas principalmente sua perspectiva de atuação educacional, tornando-se o lugar de convergência de uma elite cultural que se formava no país para movimentar a corte, dificultando, assim, o acesso das camadas populares à produção artística. (BARBOSA, 2015, p. 145).

No Rio de Janeiro, em 1856, nasceu o Liceu de Artes e Ofícios com uma proposta mais popular, a instituição formava principalmente artesãos e artistas que tinham origem mais humilde, sua adesão foi muito boa e foram criadas outras escolas pelo país.

Já o Liceu de Artes e Ofícios de Bethencourt da Silva (1831-1928), criado em 1856 no Rio de Janeiro, mereceu de pronto um alto grau de confiança das classes menos favorecidas, como atesta o grande número de matrículas já no primeiro ano de funcionamento. Coube aos liceus de artes e ofícios, criados na maioria dos Estados, com pequenas variáveis do modelo do Liceu de Bethencourt da Silva, a tarefa de formar não só o artífice, mas os artistas que provinham das classes operárias (BARBOSA, 2015, p. 3).

Até o século XIX, o ensino de Arte era mais comum na maioria dos países apenas para as meninas de alta classe. Aqui no Brasil, por seguir um modelo mais europeu que institui a Arte como necessidade para formação, acabou por seguir o mesmo modelo, instituindo o ensino de arte tanto para meninos quanto para meninas.

Nas escolas secundárias particulares para meninas elas aprendem a copiar retratos e paisagens, o bordado e a tocar piano, nas escolas particulares meninos imperava a cópia de retratos de pessoas importantes e santos e a cópia de estampas, em geral europeias, representando paisagens desconhecidas aos nossos olhos acostumados ao meio ambiente tropical. É interessante notar que no século XIX poucos países do Novo Mundo

instituíram o ensino da arte para meninos nas escolas de elite. O mais comum é que a arte tivesse lugar apenas nas escolas de meninas de alta classe. No Brasil isto ocorreu porque a elite brasileira esteve no período colonial mais ligada aos modelos aristocráticos do que aos modelos burgueses como nos outros países americanos. Segundo o modelo aristocrático, a arte era indispensável na formação dos príncipes. D. João VI deu o exemplo quando contratou Pallière (1823-87) para ensinar desenho aos príncipes. Seguindo este padrão, a arte foi incluída pela primeira vez em 1811 no currículo do colégio do padre Felisberto Antônio Figueiredo de Moura, uma escola para rapazes no Rio de Janeiro que determinou o modelo de educação para meninos de alta classe na época. (BARBOSA, 2015, p. 4)

Com a industrialização no início do século XIX, o desenho foi visto como uma preparação para os trabalhos nas fábricas. O país nesse período enfrentou diversas mudanças históricas e políticas, em um contexto republicano existia a necessidade de uma reformulação da educação. Seguindo esse contexto, as ideias de Walter Smith, autor de vários livros sobre o ensino do desenho, foram muito difundidas em nosso país. O principal responsável por inserir esses métodos em nossa educação foi o educador brasileiro Abílio César Pereira Borges.

Por sua identificação com a formação profissional, as ideias de Walter Smith, diretor de arte-educação em Massachusetts, nos Estados Unidos, e autor de vários livros sobre o ensino do desenho, foram então largamente difundidas entre nós (BARBOSA, 1985, p.13)

O desenho tornou-se base na escola primária e secundária por quase trinta anos, seus modelos de ensino foram contestados somente depois da Semana de Arte Moderna de 1922. Através da artista Anita Malfatti e do escritor Mário de Andrade foram organizadas classes de Arte com ideias inovadoras, que enfatizavam a expressão autêntica, espontânea e desinteressada.

Porém, essa abordagem demorou para chegar na escola pública, em 1935 Mário de Andrade faz um concurso que premia com dinheiro o melhor desenho feito com o tema livre. Quando o movimento Escola Nova teve como objetivo transformar o sistema de ensino, que até então era muito deficiente, a arte educação foi mostrada como uma solução para ajudar no desenvolvimento da criança

Em 1948, após passar por um período de repressão política, a educação pela Arte se mostrou uma possibilidade. Augusto Rodrigues criou a Escolinha de Arte do Brasil, na cidade do Rio de Janeiro, na qual Noemia Varela foi diretora.

Ele também participou da criação da Escola de Arte do Recife, em conjunto com Noemia Varela, Ulisses Pernambucano, Paulo Freire, Francisco Brennand, Aloísio Magalhães, Hermilo Borba e Lula Cardoso. Noemia sempre foi uma grande defensora da escola inclusiva.

Segundo Varela (2001), (...) “educar cada um e não apenas selecionar os capazes ou os suscetíveis de se ajustarem aos programas estabelecidos e compulsórios”.

Com a ideia de utilizar o ateliê como meio de ensino. Noemia Varela acreditava que os alunos podiam se expressar livremente, desenhar e pintar, essa forma de ensino refletia o clima da época.

Em sinal vermelho, não evoluída, não revolucionária e, assim sendo, sem a marca libertária, sem o espaço para a necessária iniciação no exercício do ato criador, e da descoberta da forma carente de dimensão filosófica. Logo em minha ótica, sem a sua legítima atribuição de transformar o mundo, na parte essencial que lhe cabe, na arte de educar (VARELA, 2001, p. 221)

Com o tempo, a escolinha se tornou também um lugar para o treinamento de novos professores de Arte, a disciplina de Arte só começou a ser disciplina obrigatória nas escolas em 1971. Entretanto, o curso de formação em Arte educadores só foi criado em 1973.

Segundo Ana Mae Barbosa (1985) a preocupação com a Arte propriamente dita, começou no Brasil apenas no final do século XIX, graças a mudanças políticas e sociais. Porém, foi somente através do movimento Escola Nova que se afirmou a importância da arte na educação. O movimento de Arte-educação surgiu com mais força durante a semana de Arte Moderna, com o objetivo de melhorar o sistema que estava sob a ideias de Dewey.

O movimento Escola Nova explodiu então no país, numa tentativa de transformar o deficiente sistema de educação. Fortemente influenciados por Dewey, Claparède e Decroly, os líderes do movimento afirmavam a importância da arte na educação para o desenvolvimento da imaginação, intuição e inteligência da criança (BARBOSA, 1985, p. 14)

Com a efetivação e crescimento do movimento Arte-educação que ocorreu em pleno desenvolvimento industrial, aconteceu uma transformação no ambiente da escola nova para a população urbana e industrial. A escolinha seguia o pressuposto que os julgamentos artísticos envolviam também os estéticos, essa linha de raciocínio ainda é seguida por muitos educadores atualmente.

O movimento de Arte-Educação se constituiu fora da escola regular, em museus, escolinhas de arte e, posteriormente, subsidiou a prática educacional com ideias, metodologias e técnicas para o ensino de arte quando houve a integração da Arte na educação escolar brasileira como componente curricular. Tratou-se de um longo processo histórico permeado de intercruzamentos de concepções estéticas, filosóficas e pedagógicas, de práticas educativas, de visões de mundo e de convicções políticas, ou seja, uma teia de significados múltiplos (BACARIN; NOMA, 2005, p. 8).

Em 1971, a Arte é incorporada no currículo escolar através da Lei de Diretrizes e Bases nº 5.692/71. Com a denominação de educação artística, que não era considerada uma disciplina, mas sim uma atividade educativa.

Nessa Lei de Diretrizes e Bases nº 5.692/71, o ensino de Arte, criado sob a nomenclatura de Educação Artística, passa a fazer parte dos currículos escolares como atividade educativa. Ressalta-se um ensino tecnicista, uma atividade que deveria fazer parte dos currículos escolares, no entanto, sem perdas para o aluno (VIEIRA, 2014, p.67)

O ensino da Arte sofreu diversas alterações, desde a vinda da família real até a lei que viria a torná-la obrigatória, ainda vemos um grande preconceito em relação à disciplina. Quando o ensino obrigatório da Arte completou 10 anos, Ana Mae Barbosa (1985) apontou em seus estudos que até aquele momento a educação artística foi um caos, uma inutilidade. Os professores de arte estavam completamente despreparados e eram completamente menosprezados pelo sistema escolar.

O que se observa hoje em nossas escolas é que professores despreparados (e a culpa não é deles), obrigados por lei a “ensinar arte”, distorcem os princípios metodológicos investigados pelos experimentalistas dos anos 60 e os reduzem a aspectos meramente formais, fossilizando-os. (BARBOSA, 1985, p. 53)

Em 1982 Ana Mae Barbosa cria a abordagem triangular, que inova ao colocar obras como referência para os alunos, ela propõe que fazer, ler imagens e estudar a História da Arte, esses eixos são muito importantes para um efetivo ensino de Arte.

Em 1998 a Lei de diretrizes e bases passou a considerar a Arte como disciplina obrigatória da Educação Básica. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL,1998), apresentam a arte em quatro linguagens: Artes visuais, Dança, Música e Teatro. A partir desta data o ensino da Arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais foram elaborados procurando, de um lado, respeitar as diversidades regionais, culturais, políticas existentes no país e, de outro, considerar a necessidade de construir referências nacionais comuns ao processo educativo em todas as regiões brasileiras (SOUZA, 1998, p. 5)

A partir de então existe a necessidade de uma educação que integre os saberes dos alunos, suas vivências e suas origens são consideradas muito importantes.

A história da arte e a apreciação artística, isto é, o ensinar a ver, não são mais encaradas na escola como um desvirginamento da expressão infantil, mas como um dos modos de iniciá-la ao conhecimento, na fruição e na comunicação do e com o mundo (BARBOSA, 1985, p. 58)

A necessidade de um ensino mais voltado à experimentação pelo aluno de diversas possibilidades é cada vez mais observada. A arte entra como a possibilidade de um ensino voltado para cativar o aluno e ajudar com o seu desenvolvimento.

O currículo da disciplina de Arte no Brasil incentiva a transdisciplinaridade dos componentes curriculares das diferentes disciplinas da Educação Básica, como história, geografia, literatura, ciências e matemática, isto posto e aplicado, promovem-se todos os pilares educacionais da UNESCO no âmbito mundial. (DALMOLIN, 2018, p.23)

O conceito de transdisciplinaridade, na qual as disciplinas não são vistas de formas isoladas, e sim se correlacionam entre si.

As linguagens artísticas como as Artes Visuais, a Música, o Teatro e a Dança são expressões que demonstram a cosmovisão de um povo, sua riqueza cultural, intelectual e científica nestas quatro representações que são conhecidas, apreciadas e entendidas em todas as culturas. (DALMOLIN, 2018, p. 31)

Diferentemente da interdisciplinaridade, onde as disciplinas trabalham com conjunto, porém continuam separadas, na transdisciplinaridade elas entrariam uma no domínio da outra.

3.2 O ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena.

A educação no Brasil ao ser norteadada pela LDB 9394/96, não foi clara com relação aos conteúdos ministrados sobre a cultura indígena e afro-brasileira, entretanto com a publicação da Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena.

Somente em março de 2008, que finalmente é promulgada a Lei nº 11.645/08 na qual é alterada no que tange a educação Afro-brasileira e Indígena, a LDB 9.394, de 20 de dezembro de 1996 que finalmente estabelece a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena no Brasil.

A arte e a arte indígena na educação básica permitem, sobre vários ângulos, uma conversa e entrelaçamento desses dois temas, essencialmente no que concerne aos componentes curriculares da produção artística, do estilo artístico, das formas, das técnicas, do grafismo e dos motivos artísticos produzidos pelos diferentes povos e comunidades indígenas. (DALMOLIN, 2018, p. 33)

A cerâmica pode ser utilizada para trabalhar em sala de aula a arte indígena, pois pode promover uma curiosidade e admiração pelas peças que foram feitas por diferentes povos.

Segundo Dalmolin (2018), ao trabalhar com os conteúdos inerentes à cerâmica indígena de forma prática na educação básica por meio da disciplina de arte, é incentivo real de promoção da arte indígena desses povos aliados a intercâmbios culturais.

A Arte em si como disciplina, é muito importante, tanto com uma forma de trabalhar o ensino de cultura indígena em sala de aula, quanto a Afro-brasileira.

Sendo a escola um espaço para a construção de saberes que farão a sociedade com atitudes éticas, entende-se que o discurso e a prática devem estar juntos na construção do currículo da educação básica. Desta forma legislação e currículo escolar devem estar em sintonia no ambiente escolar, promovendo e valorizando a cultura, história e a arte indígena oportunizados pelo conteúdo da cerâmica indígena de forma prática nas escolas, promovendo vivências e conhecimento da arte de diferentes povos. (DALMOLIN, 2018, p. 33)

Na maior parte das sociedades indígenas brasileiras, as técnicas são ensinadas de um mestre artesão para outros artistas mais jovens.

Existem também grupos, como os bororos, grupo de língua Jê do Brasil Central, cuja produção artística não deriva do aperfeiçoamento das capacidades produtivas acessíveis a cada gênero respectivamente. Entre os Bororo, a fabricação dos diferentes enfeites primários, das braçadeiras aos cocares, se organiza determinados ingredientes (tipos de penas de aves específicas e de determinadas cores) e a produção de certos objetivos a determinados grupos rituais. (VAN VELTHEM, 2003, p. 213)

Existem ainda diversos estudos em sítios arqueológicos presentes na região. Essa ocorrência foi tão expressiva que criaram um Centro Regional de Arqueologia Ambiental, chamado Mario Neme na cidade de Piraju- SP.

A história do MAE começa na década de 1960, quando foi criado – inicialmente com o nome de Museu de Arte e Arqueologia – em 24 de julho de 1964. A criação desse museu foi o resultado do empenho de Francisco Matarazzo Sobrinho junto a representantes de entidades oficiais e museus

da Itália, o que resultou na doação à Universidade de São Paulo de um valioso acervo de Arqueologia Clássica (536 peças) (Simões de Paula, 1965, p.15)

No Brasil, as comunidades indígenas já possuíam um vasto conhecimento cerâmico muito antes da chegada dos portugueses. Na região de Itaí-SP, principalmente na Represa Jurumirim, foram encontrados diversos vestígios cerâmicos, como urnas funerárias e outros utensílios.

4. A CERÂMICA COMO RECURSO DE ENSINO

A criança é um ser que está em constante movimento, ela aprende brincando, imaginando, colocando a mão na massa, não como um ser passivo, ela precisa estar ativa em sua aprendizagem e cabe ao professor ser o mediador deste processo.

A manipulação do barro é um meio eficaz no processo de liberdade do indivíduo, propicia lazer e ainda liberta os movimentos, desenvolvendo a percepção. A modelagem permite que expressemos nossos pensamentos sem precisar exprimir palavras: o movimento, a forma, o volume e o gesto trazem a linguagem viva do mundo interior, refletindo o caráter e o temperamento com fortes impressões da personalidade (GABBAI,1987, p. 15).

Seguindo esse princípio, a cerâmica pode ser um recurso de ensino, já que não exige um grande aparato para sua realização, somente a argila e um local para se trabalhar e armazenar as peças prontas.

Segundo Bertoldi (2017) Os produtos cerâmicos que são confeccionados por processos tradicionais podem apresentar baixa complexidade tecnológica. Pois são produtos simples, com poucos elementos.

Podemos encontrar diversas possibilidades, ao aliar o ato de brincar e explorar, com a teoria, pode ser muito benéfico com o processo de ensino. Seguindo esta premissa o presente texto irá abordar a modelagem e utilização de oficinas como recurso para o ensino de História.

A utilização de oficinas como recurso pedagógico é uma forma de ensino aprendizagem, que possibilita a interação coletiva, promovendo a ação, a investigação e a reflexão sobre o tema, onde a teoria não se desvincilha da prática. Pois se surgirem dificuldades durante o processo de fabricação de cerâmica, retorna-se à teoria para concretizar a prática. Proporcionar aos alunos as oficinas de cerâmica é possibilitar uma forma dinâmica de aprendizado, onde o educando durante a ação pode refletir e entender as dificuldades que os povos ceramistas encontravam para confeccionar suas peças de argila, entendendo seus hábitos e costumes (AVELLO; SCHMITT, 2013, p. 497).

O professor deve sempre incentivar a criatividade do aluno, sua capacidade de pensar e criar em vez de lhe proporcionar verdades prontas.

Segundo Soares (2013) a argila é uma massa maleável e permite, pela pressão das mãos, com ou sem ferramentas, a criação de infinitas formas fiéis ao gesto e passíveis de transformações pela ação do fogo, que as solidifica em pedras.

Podemos através dela exercitar a criatividade do aluno.

A construção de modelos tridimensionais é muito útil na visualização e entendimento do aluno, o “botar a mão na massa” é extremamente prazeroso e importante aos alunos, eles dificilmente esquecem essas experiências.

A construção do tridimensional favorece a organização espacial, e visuoespacial, pois, ao realizar um trabalho manual, neste caso, a modelagem, é necessária a utilização da visão coordenada com o aspecto motor, a motricidade. Isso acontece porque a criança precisa executar o movimento integrado com a visão (VIEIRA, 2014, p. 17).

Por vezes, nas escolas, a dificuldade maior no ensino de História é, justamente, mostrar a importância de se aprender para os alunos. Estes que, na maioria das vezes, não parecem tão interessados em decorar datas e fatos, é necessário aprender de uma maneira mais lúdica e dinâmica. A cerâmica pode entrar neste contexto como um recurso pedagógico, pois ao se construir um vaso os alunos irão conseguir visualizar todo o processo necessário para a criação da peça, isso é extremamente interessante. Segundo Bertoldi (2017) propor o uso de materiais cerâmicos possibilita que o aluno organize o pensamento projetivo em função do comportamento do material, podendo visualizar as possibilidades de criação durante o processo de feitura da peça.

Construindo modelos físicos, podemos sentir e tocar, além de visualizar como cada cultura, produzia seus objetos e caracterizavam seus ornamentos.

Segundo Barbosa (2014) as pessoas que trabalham com Arte sabem como ela é importante para as escolas e para a vida. Elas são tão necessárias que existem desde a época das cavernas.

A leitura de objetos, tanto como imagens, é muito importante no processo de ensino e aprendizagem. Entretanto, essa leitura não deve se basear apenas em observação de obras e cópias miméticas de desenhos.

Como um recurso pedagógico, é possível fazer essa leitura através de peças tridimensionais como a cerâmica. Através da observação das peças, ou do tato, propor uma alternativa para crianças que têm dificuldade em apenas observar algo, e precisam pegar, apalpar e conhecer o objeto para aprender.

Ao viver esses processos, pode-se estimular sua imaginação de forma contínua inclusive no processo de moldagem.

Fazer arte reúne processos complexos em que a criança sintetiza diversos

elementos de sua experiência. No processo de selecionar, interpretar e reformar, mostra como pensa, como sente e como vê. A criança representa na criação artística o que lhe interessa e o que ela domina, de acordo com seus estágios evolutivos. Uma obra de arte não é a representação de uma coisa, mas a representação da relação do artista com aquela coisa. [...] Quanto mais se avança na arte, mais se conhece e demonstra autoconfiança, independência, comunicação e adaptação social (ALBINATTI, 2008, p. 4).

Através da vivência do processo de produzir uma peça cerâmica, a criança aprende a se situar e a observar seu entorno, para que seja capaz de exprimir os detalhes à sua volta. Segundo Barbosa (1998, p.17) “Um currículo que integre atividade artística, História das artes e análise dos trabalhos artísticos levaria a satisfação das necessidades e interesses das crianças.”

A argila pode servir em sala de aula também como válvula de escape de seus sentimentos. Muitos alunos sentem dificuldades de se comunicarem efetivamente com os professores.

Dentro da arteterapia destaca-se a terapia com argila definida como o uso da argila no processo psicoterápico a fim de promover a descarga de emoções podendo levar o paciente a ter prazer pelo ato em si, como também a sensação de possuir o controle de seus sentimentos através de suas mãos. A essência profunda surge então e permite a comunicação com conteúdos conscientes ou inconscientes, expressando sentimentos e sensações. Sendo assim esta atividade pode proporcionar a liberação de tensão, prazer e relaxamento, uma vez que o sujeito constrói algo para sua satisfação expressando a sua verdade. (ELER; OECKER; SALVAGIONI; MORAIS, 2014, p. 133)

Provocando assim um atraso em seu processo de aprendizagem, é possível também ajudar crianças que apresentam problemas de ansiedade, ou até mesmo trabalhar com a paciência, criatividade e possíveis frustrações durante o processo.

Segundo os autores Eler, Oecker, Salvagioni e Moraes (2014, p.133) “o trabalho com a argila provoca No indivíduo sentimentos e emoções profundas, por ser um material primitivo, remete ao inconsciente, trazendo conteúdos escondidos que necessitam ser trabalhados.”

Existe a possibilidade de melhorar o desenvolvimento do aluno, através da modelagem, do contato com o barro, vários aspectos podem ser trabalhados. É possível estimular a curiosidade, desenvolver a investigação, ou querer aprender sobre a história do barro. Sobre o que as pessoas faziam e ainda fazem com ele, sobre os diferentes tipos de barro. Ou seja, é possível abrir a oportunidade de conhecimento de um novo mundo aos alunos.

É necessário salientar que como um meio de ensino, muitos são os benefícios de seu uso, os educandos mostram um grande interesse em moldar a argila e trabalhar com o barro. Pode-se trabalhar fatores educacionais e psicológicos com a ajuda de aulas práticas, através de oficinas, ou em sala de aula.

Segundo Rodrigues; Souza; Treviso (2017, p.4) “A arte-educação pretende utilizar a Arte no processo de formação humana para dar sentido ao sentir e a percepção de mundo do ser, utilizando-se das emoções e referências simbólicas (cultura, memória, criatividade) do indivíduo.”

Para trabalharmos em sala de aula, é importante fazermos aulas práticas para motivarmos os alunos a desenvolverem a curiosidade e criatividade. Podemos utilizar para isso a abordagem triangular.

Essa abordagem foi elaborada pela pensadora em educação Ana Mae Barbosa, uma das pioneiras da arte-educação no Brasil. A proposta procurava englobar vários pontos de ensino/aprendizagem ao mesmo tempo. Entre os principais estão: a leitura da imagem, o objeto (análise, interpretação e julgamento), a contextualização e a prática artística (o conhecer, o apreciar e o fazer) nos anos 90 a Abordagem Triangular passou a ser colocada em prática. Inicialmente foi chamada de Projeto Arte na escola. Mais tarde, ficou conhecida como Triangular e/ou Abordagem Triangular. (COELHO, 1973, p.8)

E após a prática em ateliê devemos dar um embasamento histórico para o desenvolvimento estético do aluno, a prática não deve e não pode ser separada da teoria. Através da prática abrimos um universo de possibilidades para o ensino histórico.

A cerâmica é uma arte que está desaparecendo.

Os conhecimentos tradicionais do ofício da cerâmica vêm desaparecendo com a morte dos mestres e mestras, aqueles que permanecem trabalhando estão cada vez mais idosos. Os filhos e descendentes dos artesãos têm abandonado o povoado em busca de escolarização e de outras oportunidades de trabalho. Há migração de pessoas de fora para trabalhar no barro, mas essas desconhecem segredos do ofício e técnicas ligadas à tradição. (ALVARES, 2019, p. 3)

Podemos através das oficinas em sala de aula, aprender técnicas cerâmicas, e através delas aprender sobre a cultura de um povo. Assim quem sabe no futuro incentivar a formação de novos ceramistas.

4.1 História da cerâmica

Desde o início da história da civilização, é bem provável que a argila foi um

dos primeiros materiais a ser utilizados pelo ser humano como um recurso, na construção de potes e utensílios.

Segundo Giardullo; Giardullo; Santos (2017), a argila é um material terroso de granulometria fina que quando umedecido com quantidade de água limitada adquire plasticidade.

Foram produzidas durante a pré-história esculturas de cerâmica, foram encontradas diversas estatuetas com representação em sua maioria feminina. Um exemplo destas estatuetas é o artefato conhecido como Vênus de Willendorf data entre 24.000 e 22.000 a.C.

Segundo Gabbai (1987) a História da cerâmica começa com a descoberta do fogo. O homem primitivo verificou que ao ser queimada, a argila se transformava em um material inalterável pela água.

A cerâmica é uma tecnologia que influenciou e revolucionou a trajetória humana. Sua utilização por diversas civilizações era tanto prática quanto para fins religiosos.

Ainda segundo Gabbai (1987) a versatilidade da cerâmica está diretamente relacionada à versatilidade humana. Ela foi utilizada desde o início para confecção de objetos decorativos e utilitários.

A produção da cerâmica pelo homem pode ser datada antes do período paleolítico que compreendeu 26000 a.C até pelo menos 5000 a.C, ela é o material artificial considerado mais antigo produzido pelo homem.

No Japão, as peças de cerâmica mais antigas conhecidas por arqueólogos foram encontradas na área ocupada pela cultura Jomon há cerca de oito mil anos (ou mais). a habilidade na manufatura de peças de cerâmica deixou o Japão e se espalhou pela Europa e pela Ásia, não existindo, entretanto, um consenso sobre como isso ocorreu. Na China e no Egito, por exemplo, a utilização da cerâmica remonta há mais de cinco mil anos. Nas tumbas dos faraós do Antigo Egito, vários vasos de cerâmica continham vinho, óleos e perfumes para fins religiosos (JONAS; RIZO; GARCIA, 2020, p. 43).

Por ser um material de grande resistência e durabilidade é encontrado em sítios arqueológicos pelo mundo, por meio de vestígios cerâmicos podemos acompanhar boa parte da história humana.

Um dos grandes exemplos da antiga arte cerâmica chinesa está expresso pelos guerreiros de Xian. Lá, em 1974, os arqueólogos encontraram o túmulo do imperador Shi-Huang-Di, que nasceu por volta do ano 240 a.c ... Para decorá-lo, foi feita a réplica em terracota de um exército de soldados em tamanho natural. Terracota é o termo empregado para a argila

modelada e cozida em forno. Muitas culturas, desde os primórdios, desenvolveram estilos próprios que, com o passar do tempo, consolidam tendências e evoluem no aprimoramento artístico (JONAS; RIZO; GARCIA, 2020, p. 43).

Na arqueologia são estudados esses vestígios que carregam a cultura e sua complexidade, podemos descobrir com que finalidade elas eram produzidas, e seu papel na sociedade.

Segundo Oliveira (2008), acredita-se que seja possível relacionar a Arte da confecção e da decoração cerâmica como uma espécie de comunicação não-verbal, ou uma linguagem visual iconográfica, capaz de informar sobre como as sociedades pensam, agem e compreendem o mundo em sua volta.

Quando o homem saiu da caverna e começou a se tornar agricultor, além de se preocupar com o seu abrigo, encontrou a necessidade de um lugar para armazenar seus grãos e água.

Gabbai (1987) afirma que a cerâmica está presente em várias civilizações antigas. Em algumas delas existia o costume de se enterrar os mortos com seus pertences pessoais de cerâmica, o que nos permitiu ter objetos para um estudo posterior.

O ser humano constatou provavelmente de forma “acidental” a possibilidade de endurecer a argila através do fogo para torná-la um objeto de uso e expressão.

Estudiosos confirmam que a cerâmica é a mais antiga das indústrias. Ela nasceu no momento em que o homem começou a utilizar o barro endurecido pelo fogo. Esse processo de endurecimento, obtido casualmente, multiplicou e evoluiu até hoje. A cerâmica passou a substituir a pedra trabalhada, a madeira e mesmo as vasilhas feitas de frutos como o coco. As primeiras cerâmicas de que se tem notícia são da pré-história: vasos de barro, sem asa, que tinham cor de argila natural ou eram escurecidos por óxidos de ferro. A cerâmica para a construção e a cerâmica artística com características industriais só surgiram na Antiguidade em grandes centros comerciais (JONAS; RIZO; GARCIA, 2020, p. 43).

Até pouco tempo atrás a preocupação do oleiro ou artífice era em como criar objetos apropriados para serem utilizados no cotidiano das pessoas. Tinham como objetivo criar utilitários e peças para funções religiosas, a conotação de Arte é algo extremamente recente.

O silêncio das atividades relacionadas à argila – traduzido pela memória das perdas – pode ser interpretado a partir das reflexões freudianas, na medida em que o conteúdo destas lembranças contém os fragmentos da vida posterior destas pessoas, relativo à saída dos locais de origem e às inúmeras migrações, cujas experiências foram produzindo a matéria-prima das lembranças suprimidas na infância. A experiência da oficina, por meio

das mãos, permitiu que os distintos conteúdos destas lembranças fossem sendo redescobertos e que o silêncio sobre elas revelava não o esquecimento, mas a omissão, como estratégia de resistência (SILVA, 2005, p. 312).

A cerâmica acompanhou toda a nossa trajetória histórica, ela é um dos poucos materiais que tem a capacidade de sobreviver ao tempo.

Segundo Dalmolin (2018) “Antes de transformar-se em cerâmica, a argila passa por diferentes técnicas de manuseio, isto na confecção cerâmica artesanal ou industrial.”

Na maioria das civilizações antigas, os oleiros eram exclusivamente homens, acredita-se, no entanto, que nas américas esse trabalho era feito em sua maioria por mulheres.

Segundo Gabbai (1987), entre os gregos, tanto os oleiros quanto os decoradores eram homens. Enquanto hoje em dia ela é vista como uma arte feminina, em muitas culturas do passado ela era tarefa masculina.

No Brasil por sua vez, apesar de existir algumas etnias indígenas em que os homens são ceramistas, sua grande maioria é composta por mulheres.

4.2 Cerâmica Indígena Brasileira

As populações indígenas do Brasil já faziam desde antes da chegada dos colonizadores peças cerâmicas para uso em seu dia a dia.

A modelagem é tipicamente antropomorfa, embora haja exemplares de cobras e lagartos em relevo. De outros objetos de cerâmica, destacam-se bancos, estatuetas, rodela-de-fuso, tangas, colheres, adornos auriculares e labiais, apitos e vasos miniatura. Mesmo desconhecendo o torno e operando com instrumentos rudimentares, os indígenas criaram uma cerâmica de valor que dá a impressão de superação dos estágios primitivos da Idade da Pedra e do Bronze (JONAS; RIZO; GARCIA, 2010, p. 45).

As cerâmicas mais antigas encontradas aqui no Brasil são as da ilha de Marajó, apesar de ser um povo que desapareceu, podemos ter acesso a uma cerâmica admirável graças a sua durabilidade, essas peças são decoradas com figuras humanas e de animais.

No Brasil, a cerâmica tem seus primórdios na Ilha de Marajó. A cerâmica Marajoara aponta à avançada cultura indígena que floresceu na ilha. Estudos arqueológicos, contudo, indicam a presença de uma cerâmica mais simples, que aparenta ter sido criada na região amazônica por volta de cinco mil anos atrás. A cerâmica produzida nessa região era altamente elaborada e de uma especialização artesanal que compreendia várias

técnicas: raspagem, incisão, excisão e pintura (JONAS; RIZO; GARCIA, 2020, p. 45).

Os Marajoaras faziam tanto peças para uso doméstico, como para rituais. Assim como muitas etnias indígenas faziam e fazem até hoje.

Segundo Feist (2010) a cerâmica marajoara não reina sozinha no campo da arte indígena. Ela tem como rival de peso a cerâmica Tapajônica, criada pelos tapajóses, que habitavam a região de Santarém e as margens do rio Tapajós, no Pará.

Após a chegada dos portugueses ao Brasil, eles trouxeram a olaria. Porém utilizaram também técnicas indígenas brasileiras, modificando apenas algumas etapas no processo de produção. O uso do torno foi uma mudança mais significativa, pois ao contrário das técnicas manuais, podendo ter uma maior produção de peças em um tempo menor.

Segundo Giardullo; Giardullo; Urames (2005) “As argilas foram as primeiras matérias primas que o homem usou na fabricação de utensílios, isso mesmo antes de ele ter descoberto o fogo e passar a queimar as peças.”

Mesmo com a mudança de algumas formas de produzir cerâmica, ainda atualmente as ceramistas possuem suas crenças e formas de respeitar o barro como um instrumento sagrado.

Segundo Almeida (2010) “havia uma série de restrições durante a feitura da cerâmica: ninguém poderia se aproximar da ceramista enquanto ela celebrava os cânticos religiosos e nem tão pouco ter acesso a sua casa”.

Essa relação com a argila permeia até hoje os ceramistas que em sua maioria são mulheres, e mesmo os homens que praticam a arte cerâmica hoje em dia possuem essa relação de intimidade com ela. Como já dizia a ceramista (OLIVEIRA, 2022) “a argila é capaz de mostrar os sentimentos mais profundos, ela tem a capacidade de nos acolher”. É dito que quem consegue encontrar dentro de si a semente do ceramista, desenvolve um amor tão grande que nunca mais consegue abandonar essa arte.

No início dos tempos os seres humanos estavam muito mais próximos à natureza do que hoje em dia, ela era temida e venerada, amada por assim dizer, todos viviam em função dela.

A terra, de onde brota a água e alimento, passou a ser associada a

fertilidade da mulher, que, por sua vez, também podia gerar filhos; nasce aí o culto às “deusas da fertilidade”, associado ao ciclo das colheitas. Em todas as culturas por onde apareceram, estas deusas votivas adquiriram diferentes nomes, mas possuíam as intenções votivas associadas à fertilidade (DALGLISH, 2006, p. 22).

Durante o processo da produção cerâmica os indígenas limpam o barro que irão utilizar e em alguns casos misturam outros minerais para fortalecer a cerâmica. Utilizam geralmente uma base redonda e vão colocando “cobrinhas” feitas com o barro em volta, até de fato moldarem a peça que desejam, podem então fazer desenhos sobre a argila ainda mole.

Elas fazem o processo de queima e depois de coloração das peças, sempre seguindo as técnicas que lhe são passadas de geração em geração, uma mestra ceramista treina diversas ceramistas em sua vida.

Segundo Dalmolin(2018) A argila foi usada primeiramente na sua forma natural e após o descobrimento do fogo passou a ser queimada para ganhar maior resistência, com este processo passou a ser cerâmica.

Muitas outras etnias fizeram, e ainda fazem cerâmica para seu uso, urnas funerárias, jarros para colocar água, vasos e outros utensílios variados. Alguns cientistas e exploradores que vieram ao Brasil já atestaram a boa qualidade da cerâmica brasileira.

Recentemente pesquisa dedicada aos índios Yanomami, por iniciativa de Claudia Andújar e Carlos Zaquini, possibilitou obter de certos indígenas algumas informações e desenhos de mitos, resultando que, se de um lado foram esclarecidas algumas tradições, por outro complicou ainda mais uma definição iconológica dos desenhadores: Verdadeira e própria fantasia sensível, como certamente teria dito Goethe se alguém lhe mostrasse em Weimar um daqueles desenhos, ao invés dos neoclássicos (BARDI, 1980, p. 28).

Desde o começo dos tempos a sociedade humana já possuía uma separação de tarefas segundo o sexo, geralmente as crianças ficavam junto com a mãe e com isso desde cedo copiam os adultos. Ao brincar, elas vão cada vez mais aprendendo sobre as atividades dos adultos.

Entre as comunidades sul-americanas a atividade ceramista é quase que exclusivamente feminina, ela carrega muitos misticismos, a atividade por vezes é comparada com a gestação.

Segundo Almeida (2010), existe uma curiosidade acerca do manuseio e do feitiço da cerâmica em toda a América: o fato de ser uma atividade feita

especialmente por mulheres.

Durante o estudo de peças tupi-guarani, pesquisadores encontraram peças que poderiam ser atribuídas a crianças em processo de aprendizagem, poderiam ser brinquedos.

Segundo pesquisadores atuais e oleiras artesanais com as quais uma de nós (Lílian Panachuk) trabalha em belo horizonte, as criancinhas urbanas de 4 anos são aptas a modelar de forma bastante controlada bolinhas de argila amassadas na mão; em meio favorável (filhos e filhas de oleiras) esta capacidade aparece ainda mais cedo. A aptidão para modelar roletes e um volume simples é adquirida por volta dos 6 a 7 anos nas crianças urbanas observadas em atividades lúdicas dirigidas. Poderia se desenvolver um pouco mais cedo entre os ceramistas Tupi-guarani, em que todas as mães eram provavelmente oleiras. Nota-se que a lateralidade (hábito destro ou canhoto) se desenvolve por volta dos quatro anos, até a idade de sete anos (PROUS; PANACHUK; JÁCOMOME, 2019, p. 44).

A criança Tupi-guarani é deixada livre para imitar e aprender, ela aprende de forma ativa. É bem provável que nem todas as peças feitas pelas crianças chegaram aos dias de hoje, pois o material poderia ser aproveitado em outras peças feitas por suas mães.

Segundo Lévi-Strauss (1985) existiam poucas comunidades em que a cerâmica era feita por homens. Em sua maioria, o ato de fazer a cerâmica era algo sagrado ligado ao feminino.

Muitas civilizações evidenciaram uma grande relação com o feminino e o ventre materno, inclusive tanto no Brasil, como na América todo o manuseio era feito por mulheres. Ainda segundo Lévi-Strauss (1985) apenas mulheres podiam fazer a cerâmica, pois seu poder havia sido herdado de uma serpente mítica. O que evidencia essa ligação com o sagrado feminino.

5. ATELIÊ DE CERÂMICA: MATERIAIS E TÉCNICAS.

Figura 3: Realização da técnica de gravura com folhas.



FONTE: MORAES (2023)

O ensino em ateliês pode ser uma opção para quem não pode de alguma forma estar inserido no ensino formal, e utilizá-lo para projetos em conjunto com a escola.

Os ateliês são espaços voltados para a produção artística, no caso da cerâmica contam com mesas para a feitura da peça, prateleiras para a secagem.

O ateliê é voltado para a produção de peças em cerâmica e outros materiais, para isso possui mesas fixas de madeira, prensas de argila, extrusoras (diversos formatos), fornos de queima para cerâmica (diferentes temperaturas e tamanhos) três pias e estantes para alocação de obras em andamento. Além disso a sala possui material de uso público para auxiliar nas produções artísticas: estecas, potes de plástico, esponjas para limpeza dos materiais, jornais, borrifadores e suportes. (TIRAPELI, 2015, p. 1)

No ateliê do artista, pode-se proporcionar aos alunos um ensino diferenciado, uma possibilidade de sair do ambiente da sala de aula e aprender de forma conjunta com outros alunos.

Abaixo é apresentado a foto do ateliê da artista Rosângela Oliveira, onde a pesquisadora realizou aulas de cerâmica.

Figura 4: Ateliê de cerâmica.



FONTE:MORAES (2022)

5.1 Materiais e Ferramentas

A secagem das peças feitas pelos alunos pode ser feita de forma natural, de preferência em um lugar sem mudança de temperatura, e a exposição direta ao sol. Porém para ser realmente considerado como cerâmica é necessária sua queima.

Neste processo acontece a evaporação da água, a decomposição dos materiais orgânicos contidos na massa, a transformação da argila em cerâmica propriamente dita com a oxidação do carbono e sulfatos contidos nesta chegando ao estágio de vitrificação da mesma. (DALMOLIN, 2018. p. 39)

O processo de confecção de uma cerâmica é bem lento, pois necessita de tempo para ser feita, tempo de secagem, queima e esmaltação. No final, o resultado pode não ser o esperado, tanto com uma surpresa boa, quanto ruim.

Segundo Giardullo; Giardullo; Santos (2017), a vitrificação da argila é a fase que os minerais presentes se convertem em vidro alterando a parte física e química do material.

A organização e segurança do ateliê também é muito importante, a cerâmica não pode ser feita em um ambiente muito aberto e ensolarado, o ateliê não deve ter tapetes ou lugares onde se pode acumular sujeira e poeira. É bom ter uma pia e um bom escoamento de água.

Segundo Giardullo; Giardulo; Urames (2005) quando trabalhamos com cerâmica devemos lembrar que poeira e água são coisas normais, portanto uma sala com o chão liso é o ideal.

Uma boa mesa, bem firme e um lugar claro e uma prateleira para a secagem e armazenagem das peças.

5.2 Técnicas indígenas

Tanto novas técnicas como novas experiências, existe também a possibilidade de oferecer oficinas em sala de aula. Para o desenvolvimento das oficinas, é possível a utilização de técnicas tradicionais indígenas.

Os povos ceramistas desenvolveram técnicas de fabricação e decoração de objetos cerâmicos que os identificavam culturalmente e socialmente. Pois a cerâmica retrata a conjuntura social e econômica de cada povo, suas pretensões, sua capacidade, seu gosto, sua inteligência (PILEGGI, 1958, p. 3).

Os indígenas possuem muitas técnicas ancestrais, algumas delas serão abordadas neste tópico.

5.2.1 O Acordelado

O Acordelado é uma técnica muito boa, pois com ela é possível fazer vários tipos diferentes de peças, como vasos, potes e urnas. Foram encontradas diversas urnas funerárias na região de Piraju-SP com essa técnica, pois ela permite a feitura de peças de grande extensão.

A técnica consiste na sobreposição dos cordões de argila um sobre o outro, e sua junção efetiva-se por meio de alisamento com os dedos. Com a técnica do acordelado(a) pode-se trabalhar desde pequenos objetos artísticos ou utilitários até grandes esculturas em argila. Ao juntarem-se os cordões (rolinhos) e “costurar” com os dedos, dá sustentação ao trabalho artístico ao longo da confecção da peça cerâmica. (DALMOLIN, 2018, p. 36)

Ela consiste em fazer “cobrinhas” que serão unidas, alisadas e finalizadas. Com a junção dessas “cobrinhas” o artista vai levantando sua peça e ajustando seu tamanho e forma desejada. Diferentes culturas e etnias utilizam essa técnica devido sua versatilidade.

A técnica do Acordelado ou Acordelada (na revisão sistemática da literatura encontrou-se as duas formas de escrita) é a mais encontrada por pesquisadores em estudos arqueológicos da etnia indígena Guaraní no Brasil, e consiste em: (...) enrolamento em espiral de cordões de barro: isto é, acordelada (BROCHADO, 1980, p. 48).

É possível confeccionar desde peças pequenas até outras bem grandes, é uma das técnicas mais básicas e prazerosas de se aprender. Devido a isso essa técnica pode ser considerada a base de muitas peças cerâmicas.

Observa-se que a base tecnológica de confecção dos objetos cerâmicos indígenas é a técnica do acordelado com diferentes tratamentos de finalização da superfície podendo ser decorada ou não. O tratamento final da modelagem da peça cerâmica ou decoração desta pode ser somente o alisamento da mesma com os dedos ou espátula, ou um trabalho em corrugado ou mesmo escovado. (DALMOLIN, 2018, p. 39)

Para as crianças pode ser muito interessante pois possibilita o desenvolvimento da criatividade e capacidade imaginativa. Além da possibilidade de se trabalhar a História através dela.

É imprescindível considerar também que por meio da manipulação da argila ou mesmo da massa de modelar, diferentes estímulos são evocados na criança, principalmente o imaginar, a construção de novas possibilidades de ação e de formas de organizar elementos do ambiente, favorecendo assim sua interação social, pois tais representações simbólicas auxiliam a expressar a forma como vê a realidade atual e os elementos que a compõe. (BARROS, VICENTINI, FERREIRA, CORTEZ, GARCIA, 2023, p.8)

A criança pode por meio da argila explorar novas possibilidades, diferentes estímulos e sensações são causadas durante a aula de arte, elas aprendem algo que dificilmente irão esquecer.

Abaixo é apresentado a imagem de um vaso feito com a técnica de Acordelado integralmente.

Figura 5: Técnica de Acordelado.



FONTE: MORAES (2021)

Na imagem abaixo a professora pesquisadora apresenta a técnica de Acordelado indígena.

Figura 6: Técnica de Acordelado.



FONTE: MORAES (2023)

5.2.2 O Paleteado

O paleteado é uma técnica que necessita de uma madeira e uma pedra, após

fazer uma bola de argila, coloca a pedra dentro da argila e vai dando golpes com a madeira até o formato desejado.

O Paleteado é um método de modelagem manual de uma peça cerâmica que utiliza como ferramenta uma paleta e uma pedra. A peça é modelada golpeando-se ritmicamente com uma paleta de madeira (espécie de raquete pequena e sólida) a parede de argila. Ao mesmo tempo, os golpes com a paleta são aparados por uma pedra redonda e lisa (seixo rolado de rio) no interior da peça, podendo-se obter, assim, as mais variadas formas (KOFFLER, 2011, p. 1)

Essa é uma técnica de origem pré-colombiana, porém foram encontrados vestígios arqueológicos dela na região do Paraná na tradição itararé taquara.

Estudos recentes do museu paranaense, desenvolvidos através de arqueologia experimental, associada à análise de tipos e direções de fraturas em fragmentos e peças cerâmicas arqueológicas, apontam a manufatura de parte da cerâmica pela técnica do paleteado, que explicaria como foram confeccionados alguns pequenos vasos da altura maior que a largura, e com as paredes bem finas (PARELLADA, 2008, p. 107).

Essa técnica é um pouco mais complicada e necessita de mais precisão, não sendo muito apropriada para ser utilizada com crianças em sala de aula em um primeiro momento. Elas precisariam de um treinamento mais aprofundado para então dar início a técnica.

A técnica de confecção cerâmica paleteado consiste no manuseio da argila apoiada por dois materiais, sendo um o seixo de rio redondo e uma paleta de madeira. Primeiramente faz-se uma meia bola da massa de argila, deixando-a secar um pouco para ter-se a consistência ideal para os golpes, ela não pode estar muito mole. Após, coloca-se a pedra do centro da massa e vai formatando-a com golpes com a palheta de madeira. (DALMOLIN, 2018, p. 40)

Por outro lado, a técnica é muito interessante. Segundo Dalmolin (2018) “observa-se que a técnica paleteado de confecção cerâmica é bastante antiga, mas não sofreu a interferência europeia ao longo de sua existência e manteve suas características originais de simplicidade e singeleza.”

Abaixo a imagem apresenta a técnica de paleteado executada pela pesquisadora durante a pesquisa.

Figura 7: Técnica de Paleteado.



FONTE: MORAES (2021)

A Modelagem por belisco:

Técnica de confecção cerâmica consiste em modelar uma bola de argila apenas com os dedos, é uma forma bem rudimentar e que geralmente é uma das primeiras a ser aprendidas.

Para confeccionar um artefato cerâmico nesta técnica não se utiliza nenhum instrumento, a argila é manuseada somente com as mãos. A técnica consiste em trabalhar com uma quantidade de argila que encaixe na mão, faz

se uma bola da massa de argila e vai girando-a entre as mãos até ficar completamente lisa e regular, após fura-se o centro da massa com o polegar (ele permanece nesta posição até a peça começar a ter formato desejado), e pressionam-se os demais dedos por fora da peça, debaixo para cima, girando a argila no côncavo da mão. Ao modelar a peça, deve-se procurar manter a espessura nas paredes dela. Como a argila fica muito tempo em contato com a mão, o seu calor pode ressecá-la durante o manuseio. Isto pode ser evitado molhando-se levemente as mãos num recipiente com água para manter a umidade da argila. (DALMOLIN, 2018, p. 42)

Por ser muito simples, é muito boa para ser aplicada em oficinas com crianças. Foram encontradas por arqueólogos algumas peças com essa técnica, que se acredita pertencer a crianças indígenas.

Segundo Prous; Panachuk (2019) encontraram-se peças que são apenas bolas de argila nas quais foi inserido um dedo ou uma vareta para criar a cavidade interna, não se nota alisamento.

São tão pequenas que provavelmente não foram feitas para serem utilizadas, mas sim com uma brincadeira, ou imitação do que suas mães faziam. Essa técnica é

muito fácil de ser executada por crianças, devido a pouca habilidade técnica necessária.

Abaixo a professora pesquisadora executa a técnica de belisco.

Figura 8: Técnica de Belisco.



FONTE: MORAES (2023)

5.3 Técnicas não indígenas

A cerâmica é uma arte feita no mundo todo, todas as pessoas são capazes de produzir peças. Existem diferentes técnicas e algumas que são comuns em diferentes culturas.

O(A) artista cerâmico(a) ao produzir suas peças busca encontrar e demonstrar o seu conceito artístico, ele(a) tenta produzir em cada peça algo novo, mas que tenha impresso a sua personalidade, a sua linguagem visando demonstrar e expressar a sua conexão com o objeto, com escultura ou com utilitário que finaliza. (DALMOLIN, 2018, p. 45)

Elas foram modificando-se conforme as necessidades, atualmente, ela vem ganhando novos adeptos por causa das redes sociais. A sua beleza está na possibilidade de cada artista colocar sua personalidade na peça.

Na arte da cerâmica artesanal, nenhum objeto é igual ao outro. Os objetos podem até serem similares, porém cada um tem sua própria identidade, suas digitais ou mesmo a sua própria personalidade. (DALMOLIN, 2018, p. 45)

Existem muitas técnicas diferentes, uma delas é a de Bloco, que pode ser conhecida também como Maciço Ocado, onde a peça é moldada em um bloco de argila maciço e depois de pronto é ocado. Essa técnica também pode ser utilizada para esculturas.

Figura 9: Técnica de Bloco.



FONTE: MORAES (2023)

De acordo com o Núñez (2018), a técnica de modelagem e confecção cerâmica Maciço Ocado, “nada mais é do que um modelado tradicional (escultórico) que passa por um processo de ocagem”.

Essa técnica permite a liberdade de criação, apesar de aparentar ser bem simples, na realidade necessita de um conhecimento prévio.

Segundo Dalmolin (2018) Parece um processo simples e fácil de modelagem, porém requer cuidado, delicadeza, destreza no manuseio e sensibilidade para que a escultura não se destrua no processo de ocagem.

5.3.1 Placa

Na técnica de placa, o artista vai abrir a massa cerâmica com um rolo, cano de PVC, ou até mesmo um pedaço de madeira roliço. Quando chegar na espessura desejada o artista pode dar forma a sua peça.

Essa técnica por ser utilizada para fazer diversos tipos de utensílios domésticos, desde pratos, panelas e até copos. Pode-se utilizar a plaqueira, que faz o processo de forma mais rápido e uniforme.

Segundo Dalmolin(2018) A modelagem cerâmica por Placa dinamiza o processo de confecção cerâmica, podendo-se confeccionar diversos objetos em um mesmo dia e estes podem ficar muito similares uns aos outros.

Podemos abrir uma placa e utilizar cortadores de biscoitos para produzir pequenas peças, uma atividade bem divertida para crianças.

As imagens abaixo apresentam uma panela e prato feitos com a técnica de placa pela pesquisadora.

Figuras 10: Panela feita com Placa.



Figura 11: Prato feito com Placa.



FONTE: MORAES (2021)

Figura 12: Placa sendo aberta.



FONTE: MORAES(2022)

5.3.2 Torno

Essa técnica é bastante utilizada para produções em larga escala, na qual existe a possibilidade de se produzir várias peças exatamente iguais. Porém essa técnica necessita de um artista ceramista altamente treinado e especialista em produzir as peças cerâmicas.

A técnica de confecção e modelagem em torno embora seja antiga, data de 3600 antes de Cristo com registro na Mesopotâmia de um torno rudimentar baseado em discos. O torno ganhou pés com os Egípcios e culminam com os tornos elétricos, modernos e diferentes modelos na atualidade. (DALMOLIN, 2018, p. 49)

Vimos neste capítulo uma breve contextualização da história da cerâmica no mundo e no Brasil. E como o barro é visto como algo sagrado pelos artesãos que o manuseiam. Observamos também como são feitas algumas técnicas, além de materiais necessários para a confecção cerâmica.

5.4 Habilidades contempladas da BNCC

O ensino de técnicas cerâmicas em sala de aula pode possibilitar a contemplação de diversas habilidades da BNCC.

Podemos aprender sobre os objetos de cerâmica de nossos avós, como eles foram substituídos por plástico hoje em dia, e como eram objetos que faziam parte da vida deles na época, como moringas de barro, potes, jarros, pratos e panelas

Habilidades contempladas (EF02HI04 e EF02HI05) Selecionar objetos e documentos pessoais e de grupos próximos ao seu convívio e compreender sua função, seu uso e seu significado.

Expor que antigamente as pessoas geralmente só utilizavam vasilhas de cerâmica, algumas casas eram feitas de uma mistura de argila e vísceras chamada de taipa de pilão.

Habilidades contempladas (EF03HI01A) Identificar e respeitar os grupos populacionais que formam a cidade, o município e a região, as relações estabelecidas entre eles e os eventos que marcam a formação da cidade, como fenômenos migratórios (vida rural/vida urbana), desmatamentos, estabelecimento de grandes empresas etc.

Pesquisar as cerâmicas da região para entender como elas fizeram parte do crescimento da cidade, ver como elas ainda existem em menor quantidades, e aprender que essas cerâmicas produzem todos os tipos de coisas de cerâmica, desde telha, tijolos, até vasos de plantas.

Habilidades contempladas (EF03HI02) Pesquisar, selecionar, por meio da consulta de fontes de diferentes naturezas, e registrar os acontecimentos ocorridos ao longo do tempo na cidade ou região em que vive.

Podemos através da cerâmica pesquisar sobre as populações indígenas que aqui viveram, sua vida, cultura e costumes.

Habilidades contempladas (EF05HI03), ao analisar o papel das culturas e das religiões na composição identitária dos povos antigos.

Mostrar aos alunos como a cerâmica evoluiu ao longo do tempo, como cada povo contribuiu para sua evolução, e como de certa forma ainda possuímos vestígios de cada povo na forma em que fazemos cerâmica hoje.

Habilidades contempladas (EF05HI08) ao identificar formas de marcação da passagem do tempo em distintas sociedades, incluindo os povos indígenas originários e os povos africanos.

6. TRAGETÓRIA METODOLOGICA

A pesquisa é de abordagem qualitativa e apresenta caráter exploratório, sendo realizada mediante levantamento bibliográfico, e entrevistas semiestruturadas, nas quais foram criados um roteiro de perguntas previamente estabelecidas. Contudo as entrevistas aconteceram de forma fluida, sem a necessidade de segui-las rigorosamente.

Elas foram executadas durante o ano de 2022, tiveram o objetivo de verificar as opiniões dos professores pedagogos, estes o público-alvo do resultado deste projeto. Além dos professores, foram entrevistados também ceramistas que de alguma forma já trabalharam com crianças, portanto possuem uma visão acerca tanto da educação formal quanto da informal.

Segundo Creswell (2014), a pesquisa qualitativa é um conjunto de práticas que transformam o mundo visível em dados representativos, incluindo notas, entrevistas, fotografias, registros e lembretes.

A pesquisa acadêmica descrita abaixo pode ser um recurso fundamental para a produção de conhecimento científico sobre o tema. Ela permite que os futuros pesquisadores explorem questões importantes e descubram novas informações sobre a utilização de arte em outras disciplinas. Uma das formas mais comuns de coletar dados para uma pesquisa é através de entrevistas, que foram a opção aqui apresentada.

Os questionários que nortearam a pesquisa apresentavam perguntas sobre as experiências em sala de aula e a utilização da cerâmica como um recurso didático. Eles foram formulados de forma clara e objetiva, e os entrevistados tiveram a total liberdade de responder de acordo com suas próprias experiências e opiniões. As entrevistas apresentadas são uma ferramenta valiosa para a realização de trabalhos acadêmicos na área da educação e Arte.

A coleta de dados utilizada na pesquisa foi através de entrevistas gravadas e transcritas posteriormente. Os dados coletados e sua categorização possibilita a análise. Métodos de coleta de dados qualitativos são focados principalmente na obtenção de ideias, raciocínio e motivações; para que seja algo mais aprofundado em termos de pesquisa.

As ceramistas entrevistadas foram todas mulheres, com mais de vinte anos

de profissão. As entrevistas foram gravadas e transcritas posteriormente, somente uma entrevista foi feita por chamada de vídeo, que também foi gravada.

Os docentes que participaram das entrevistas são, em sua maioria, mulheres, todas exercem a profissão há mais de dez anos.

As entrevistas com as docentes, foram feitas em ambiente escolar, durante os intervalos das aulas, apenas uma entrevista foi feita após o horário de aula com duração média uma hora cada.

As entrevistas com as ceramistas aconteceram em seus ateliês, sempre em horários em que não se encontravam outras pessoas para maior tranquilidade e privacidade. Todas têm atualmente a cerâmica como profissão principal, porém já atuaram em outras profissões.

Todas foram feitas somente com o entrevistador, sem nenhuma distração, garantindo assim a fidedignidade das informações sem interferências externas.

Foram realizadas as entrevistas aqui apresentadas que foram um recurso valioso para a realização deste trabalho acadêmico, especialmente por ele pertencer a área de educação. Elas permitiram que a pesquisadora obtivesse informações diretamente de fontes confiáveis e experientes, que no caso da pesquisa são professores e outros profissionais da área, os ceramistas.

As entrevistas podem ser usadas também por outros pesquisadores, ou interessados na área para entender como os professores aplicam essa abordagem em suas aulas, quais são os desafios que enfrentam e quais são as estratégias que utilizam para superá-los. Além disso, as entrevistas também podem ajudar a identificar as melhores práticas no ensino e a desenvolver novas abordagens para melhorar o aprendizado dos alunos.

Elas tinham como objetivo analisar quais as opiniões dos professores sobre a possibilidade da utilização da cerâmica e técnicas em sala de aula. A pesquisadora, como professora de Arte, acreditou ser totalmente possível e interessante, mas será que os pedagogos também pensavam da mesma maneira? Apesar da vantagem de tempo que possuem, eles têm que lidar com o fato de ter que ensinar várias disciplinas teóricas e outras dificuldades encontradas no seu dia a dia.

Ao trabalhar com crianças do Ensino Fundamental I, a pesquisadora enfrentou por vezes, uma resistência dos alunos em trabalhar disciplinas mais teóricas, como a História, por exemplo. Essa resistência não era encontrada no ensino de Arte,

disciplina na qual os alunos mostravam muito entusiasmo, principalmente em participar de uma aula prática.

Foi a partir desta dificuldade que a autora começou a pesquisar novas formas de ensino, lembrou-se de uma disciplina que estudou no curso de Artes Visuais, a escultura. No decorrer da aula, os alunos sempre mostravam muito mais entusiasmo ao ter aulas com a argila.

Os professores necessitam, muitas vezes, de novas formas de ensino para encantar os alunos. Através da cerâmica, é possível estudar a evolução das técnicas de produção, os materiais utilizados em diferentes períodos históricos e as influências culturais presentes nas peças. Além disso, a cerâmica pode ser utilizada para ilustrar a vida cotidiana de diferentes sociedades, como a produção de utensílios domésticos, objetos religiosos e obras de arte.

A cerâmica pode ser um recurso no ensino em História e Arte. Ao estudar a cerâmica em seu contexto histórico, é possível compreender melhor as mudanças sociais, políticas e econômicas que ocorreram em diferentes períodos e regiões, além de estudar a vida cotidiana e as crenças de diferentes culturas.

Ao trabalhar com crianças observa-se a necessidade de sempre encontrar novos métodos e recursos de ensino, principalmente quando ensinamos disciplinas mais teóricas, como a história por exemplo.

Verifica-se a necessidade de um ensino mais concreto, em face dessa necessidade a pesquisa foi idealizada. Apresentando um recurso de ensino e uma proposta de interdisciplinaridade entre disciplinas.

A importância dessa abordagem reside no fato de que ela torna o aprendizado divertido e, conseqüentemente efetivo.

As crianças são naturalmente curiosas e gostam de aprender coisas novas. No entanto, quando se trata de História, muitas vezes elas acham o assunto chato e sem graça. Isso acontece porque a forma tradicional de ensino, baseada em livros e aulas expositivas, não é a mais adequada para essa faixa etária.

Ao utilizar a arte e outras atividades práticas, os professores conseguem despertar o interesse das crianças pela História. Além disso, essas atividades permitem que as crianças aprendam de forma dinâmica e interativa. Elas podem, por exemplo, criar um mural com imagens de personagens importantes ou até mesmo reproduzir vasos de cerâmica.

Outra vantagem que permite que as crianças desenvolvam habilidades artísticas. Ao criar murais, maquetes e outras representações visuais, elas estão exercitando a criatividade e a capacidade de expressão. Isso é importante não apenas para o aprendizado de História, mas também para o desenvolvimento geral das crianças. Estudos mostram que as crianças aprendem melhor quando estão engajadas em atividades práticas. Além disso, essa abordagem permite que elas sejam participativas e colaborativas, o que contribui para um ambiente de aprendizado saudável e produtivo.

Além de tornar o aprendizado mais divertido, essa metodologia permite que elas desenvolvam habilidades artísticas e aprendam de forma mais efetiva. Por isso, é importante que os professores de História considerem essa abordagem em suas aulas e busquem formas criativas de ensinar esse assunto tão importante.

As entrevistas dos participantes descritas no próximo capítulo são muito importantes para o desenvolvimento da pesquisa. Estes professores possuem uma longa carreira, portanto passaram por diversas mudanças, tanto em relação a métodos, quanto em recursos de ensino. Algumas perguntas foram idealizadas para nortear as entrevistas, porém todas acabaram ocorrendo de forma mais orgânica e tranquila.

O resultado acabou sendo surpreendente, pois ao começar com o trabalho de pesquisa a pesquisadora encontrou muitas dificuldades, em seu início não foi bem aceita pela comunidade a qual a pesquisadora atuava como professora. Muitas pessoas desacreditavam a possibilidade de a pesquisa produzir algum resultado, pois eles acreditam na utilização de técnicas que envolvam computadores, não em técnicas consideradas antiquadas e que “dão muito trabalho”.

Porém, ao apresentar a pesquisa a diferentes comunidades, descobriu que essa resistência é algo encontrado somente no local, pois as outras comunidades próximas aceitaram a proposta e deram a possibilidade de andamento a pesquisa.

As entrevistas foram uma forma eficaz de coletar dados qualitativos, pois permitiram que os participantes expressassem suas opiniões e experiências de forma mais detalhada do que em um questionário. Ao participar de uma entrevista de pesquisa, os professores contribuíram para a produção de conhecimento científico. Suas experiências podem ajudar a esclarecer questões importantes e a fornecer informações valiosas para outros pesquisadores. As entrevistas permitiram que os

participantes compartilhem suas perspectivas e experiências de uma forma que não seria possível em um questionário. Isso ajudou a pesquisadora a entender melhor as nuances e complexidades da aplicação da cerâmica como um recurso de ensino para História.

A sistematização dessas entrevistas foram fundamentais para compreender como os professores percebem a cerâmica como um recurso de ensino em História. A partir dessas entrevistas, é possível identificar as principais vantagens e desafios que os professores enfrentam ao utilizar a cerâmica em sala de aula.

Por que ler as entrevistas sobre a utilização da cerâmica como recurso de ensino em História? A resposta é simples: para compreender melhor como os professores podem utilizar esse recurso em sala de aula e, assim, identificar possibilidades de aprimoramento e inovação no ensino da História.

Ao ler as entrevistas, é possível conhecer experiências bem-sucedidas de professores que já utilizaram a cerâmica como recurso de ensino em História, assim como ceramistas que já fizeram projetos voltados para educação, bem como identificar os principais desafios enfrentados por eles. Com essas informações em mãos, é possível pensar em estratégias para superar esses desafios e aprimorar a utilização da cerâmica como recurso de ensino em História.

A sistematização das entrevistas com professores sobre a utilização da cerâmica como recurso de ensino em História é fundamental para compreender as vantagens e desafios dessa prática, bem como identificar possibilidades de aprimoramento e inovação no ensino da História. Por isso, é importante que professores, pesquisadores e demais interessados no tema leiam essas entrevistas e reflitam sobre as possibilidades que a cerâmica pode oferecer para o ensino da história.

6.1 Caracterização dos sujeitos.

Foram entrevistados cinco docentes, quatro do sexo feminino e um do sexo masculino, atuantes no Ensino Fundamental I. Eles têm mais de 10 anos na área da educação, são formados em Pedagogia e possuem uma segunda formação. Três docentes atuam tanto na área pública quanto privada, um apenas na pública e um apenas na privada.

Os docentes participantes da pesquisa foram escolhidos por atuarem a bastante tempo na área da educação, o que proporciona a visão de profissionais

mais experientes.

Todos os docentes participaram da pesquisa e autorizaram a divulgação das informações colhidas. Essas informações estão arquivadas no banco de dados da professora pesquisadora.

D1- Mulher, com formação no antigo magistério e Licenciatura em Matemática. D2- Homem, com formação em Pedagogia, Licenciado em Matemática, com especialização em Libras.

D3- Mulher, com formação em Pedagogia, Especialização em deficiências múltiplas e Especialização em Psicopedagogia.

D4- Mulher, com Formação em Pedagogia e segunda Licenciatura em Artes Visuais.

D5- Mulher, com formação no antigo magistério e Pedagogia.

Quanto às ceramistas entrevistadas, todas participantes da pesquisa são do sexo feminino, o que é muito comum, pois a maioria das profissionais desta área são mulheres.

Todas as participantes atuam há mais de 20 anos como ceramistas e educadoras.

C1- Mulher, com Formação técnica em Cerâmica, bacharelado em Enfermagem e Pós-graduação em Arte terapia. Possui também formação em um ateliê como uma mestra ceramista.

C2- Mulher, com formação em Tecnóloga em hotelaria e formação em ateliê com uma mestra ceramista.

C3- Mulher, com formação no antigo magistério e formação em ateliê com uma mestra ceramista.

7. ANÁLISE DOS DADOS

Havia uma pré-disposição da professora pesquisadora pelo insucesso, devido a uma experiência biográfica na vida profissional dentro da rede pública da cidade de Coronel Macedo, ela se encontra no interior do estado de São Paulo.

Entretanto, a pesquisa deu seguimento nas cidades de Itaí-SP e Avaré-SP, onde os professores se mostraram muito mais abertos às novas possibilidades de ensino.

A pesquisa aqui apresentada é de cunho qualitativa, e teve seus dados coletados através de questionário aplicado para professores e ceramistas.

Será apresentado nesse tópico os dados pessoais e formação dos docentes participantes da pesquisa. Além das questões norteadoras das entrevistas.

7.1 Docentes

Questões: Qual sua formação acadêmica? Você se formou em escola pública ou privada? A quanto tempo você leciona?

Segundo D1(2022) “Minha formação inicial foi no antigo magistério, após alguns anos senti a necessidade de uma segunda formação em Matemática. Eu me formei em escolas particulares e leciono a mais de 20 anos.”

Segundo D2(2022) “Sou formado em Pedagogia, possuo uma segunda formação em Matemática e uma Especialização em Libras. Me formei em escolas particulares e leciono a mais de 10 anos.”

Segundo D3(2022) “Sou formada em Pedagogia, dou aulas a mais de 10 anos e me formei em faculdade particular. Possuo Especialização em deficiências múltiplas e Especialização em Psicopedagogia.”

Segundo D4(2022) “Minha formação inicial foi em Pedagogia, tenho a Segunda Licenciatura em Artes Visuais. Fiz faculdade particular e atuo a mais de 10 anos como Pedagoga, como professora de Arte atuo a apenas um ano.”

Segundo D5(2022) “Sou formada no antigo Magistério e em Pedagogia. Me formei em faculdade particular. Estou atuando como professora a mais de 20 anos.

7.1.1 Contato e dificuldades no uso da cerâmica.

As seguintes questões apresentarão as dificuldades e possibilidades encontradas: Teve algum contato com a cerâmica? Trabalhou cerâmica em sala de aula? Caso não tenha trabalhado, você trabalharia? Quais são as dificuldades que você acredita existir em relação a trabalhar cerâmica em sala de aula fora da aula de Arte? Quais são as possibilidades que você acredita existir em relação a trabalhar cerâmica em sala de aula fora da aula de Arte?

Segundo D1:

“Já trabalhei com a cerâmica em sala de aula, é possível abordar a modelagem matemática e a etnomatemática utilizando a argila como um recurso. Existe também a possibilidade de utilização para confecção de padrões geométricos. Podemos utilizar vasos cerâmicos para diversos fins, como a equação de segundo grau e equações trigonométricas, utilizando o perímetro do vaso.

Acredito ser totalmente necessário utilizar novas técnicas de ensino, a forma de ensino atualmente está muito ultrapassada, precisamos de alunos que saibam usar o conhecimento no seu dia a dia.

Precisamos de novos recursos, a Arte e a Cerâmica seriam excelentes opções.”

Segundo D2:

“Eu nunca trabalhei cerâmica com meus alunos, porém acredito nessa possibilidade. Na matéria de história os alunos veem muitas coisas antigas, da pré-história e sobre fósseis. Eles aprendem sobre cerâmicas antigas e o que os povos utilizavam em suas respectivas épocas, meus alunos sempre comentam que gostariam de aprender a fazer vasos cerâmicos. Eles também cobram de porque não temos esses utensílios aqui para utilizarmos durante o estudo da matéria. Como não podemos pegar os originais, poderíamos fazer reproduções.

Segundo D3:

“Eu já trabalhei com a argila em sala de aula, onde eu trabalhava antes não tínhamos um professor de arte separado, o próprio pedagogo dava arte em conjunto com as outras matérias. Conseguimos argila de sítios, cerâmicas, doação de pais e até em floriculturas.

A escola que trabalho atualmente existe uma dificuldade muito grande para trabalharmos novos métodos, existe uma resistência muito grande. Não gostam que façamos sujeira e não temos acesso a muitos materiais, comparando com os lugares que trabalhei, aqui eu vejo maior dificuldade.

É possível para a pedagoga em conjunto com a professora de arte fazer projetos interdisciplinares, podemos utilizar a arte tanto para história como para as outras matérias estudadas.

Segundo D4:

“Nunca trabalhei com cerâmica, porém acredito ser uma opção muito interessante. Um empecilho para a utilização de cerâmica em sala de aula

seria o tempo limitado, pois a prática cerâmica demanda tempo tanto para execução quanto para arrumar o local onde a aula foi feita. O tamanho da turma também pode ser um problema.

Segundo D5:

“Acredita que é possível sim trabalhar em sala de aula a cerâmica para o ensino de história e de outras matérias, porém precisaria de um maior envolvimento da professora de arte.

7.1.2 Cerâmica, História e interdisciplinaridade.

As questões seguintes englobam os conhecimentos sobre as técnicas de cerâmica: Você conhece alguma técnica de cerâmica? Acredita ser possível aprender história através de uma aula prática de cerâmica? Acredita ser possível utilizar a cerâmica de forma interdisciplinar com as outras matérias escolares? Poderia deixar alguma sugestão a respeito do tema?

Segundo D1:

“Tenho um conhecimento na parte da história da cerâmica e cálculo, entretanto precisaria de ajuda na parte prática. Apesar de não possuir a habilidade para executar a técnica, poderia utilizar a cerâmica de outras formas, em ciências existe a possibilidade de estudar a composição do barro. Meio ambiente também é uma possibilidade para se trabalhar com cerâmica. Aquilo que construímos aprendemos de maneira mais fácil e melhor. Eu tomo meu filho como exemplo, ele ama utilizar argila, e já aprendeu muitas coisas pela curiosidade que a argila provoca nele. Podemos aprender quantidade, medida, volume. A história da cerâmica também é muito rica, como o ser humano descobriu o fogo e começou a utilizar a cerâmica como uma tecnologia. Ela acompanha a história do ser humano. Acredito que existe a possibilidade de um trabalho interdisciplinar incrível.”

Segundo D2:

Apesar de não ter a noção técnica para fazer a cerâmica, acredito que seria muito interessante os professores terem uma noção de técnicas básicas através de oficinas, por exemplo. Poderíamos fazer também exposições para que a comunidade externa tenha acesso a esse conhecimento. Quando estudamos dinossauros, vemos os ossos, e com a cerâmica existe a possibilidade de tentarmos reproduzir esses ossos para os alunos terem o contato. Uma matéria está ligada na outra, e cabe a nós professores fazermos uma ponte entre elas.”

Segundo D3:

Apesar de não conhecer técnicas, vejo que os alunos conseguem de forma intuitiva produzir peças rústicas e criativas. Acredito que a cerâmica possui uma grande possibilidade de utilização em sala de aula, até mesmo como uma possibilidade de ensino e terapia ao mesmo tempo.

As crianças atualmente têm tudo muito pronto, não sabem como é feito o objeto e nem de qual material.”

Ainda segundo D3:

“Podemos criar um projeto, em que os alunos podem ir conhecer de onde vem o barro, a sua história. Apresentar a criança, moldar e mostrar como é um forno, pode ser até mesmo um forno de cerâmica de tijolos.

Fazer uma visita técnica em uma cerâmica, conhecer, ter o contato com a argila e desenvolver a capacidade exploratória das crianças. Os alunos são muito curiosos, então podemos utilizar a cerâmica para chamar a atenção dos alunos.

Infelizmente em alguns lugares a arte não é valorizada, e consideram que se faz muita bagunça e muita sujeira. É uma pena, existe uma grande gama de possibilidades de se utilizar a arte em sala de aula.”

Segundo D4:

Levando a interdisciplinaridade como tema, podemos aprender história através da cerâmica e sobre povos indígenas, principalmente através da produção de peças.”

Segundo D5:

Não trabalharia sozinha pois não conhece as técnicas e não sabe como organizar a atividade para que não se transforme em bagunça.

É um pouco complicado trabalhar com a argila por conta de onde conseguir o material. Porém com um manual sobre essas práticas seria superinteressante. Super toparia participar de uma oficina sobre as técnicas.”

Os docentes entrevistados não demonstraram diferença em sua atuação, na rede privada ou pública em relação ao uso do material, pois ele é muito presente na região e pode ser conseguido de maneira gratuita.

Levando isso em consideração, as docentes afirmaram que a cerâmica pode ser um poderoso instrumento pedagógico de ensino de História e outros conteúdos.

As ceramistas também acreditam nesta possibilidade, a cerâmica é um excelente recurso tanto para trabalhar História, quanto para trabalhar outras disciplinas em sala de aula.

Algumas cidades podem apresentar outras barreiras, como o preconceito com a inserção de tecnologias consideradas antigas novamente em sala de aula. Alguns professores e comunidade fora do âmbito escolar tendem a considerar essas técnicas ultrapassadas.

Seguindo essa premissa, existe uma grande necessidade de recursos de ensino mais práticas, os alunos precisam pôr em prática para realmente fixar o conteúdo.

De acordo com o (D1), “existe a necessidade de serem utilizadas novas

técnicas de ensino, pois a forma de ensino atualmente está muito ultrapassada, precisamos de alunos que saibam usar o conhecimento no seu dia a dia”.

As possibilidades são inúmeras, segundo (D2), “na matéria de História os alunos veem muitas coisas antigas, da pré-história e sobre fósseis. Eles aprendem sobre cerâmicas antigas e o que os povos utilizavam em suas respectivas épocas”.

Ainda segundo (D2), “os alunos sempre comentam que gostariam de aprender a fazer vasos cerâmicos, essa é uma excelente maneira de entender como os povos faziam seus utensílios”.

Não se pode esquecer da possibilidade da interdisciplinaridade, segundo (D3), “é possível para a pedagoga em conjunto com a professora de Arte fazer projetos interdisciplinares, pode-se utilizar a arte tanto para história como para as outras matérias estudadas”.

D4 fala sobre essa possibilidade em sua entrevista, segundo ela, levando a interdisciplinaridade como tema, podemos aprender história através da cerâmica e sobre povos indígenas, principalmente através da produção de peças.

Ainda segundo (D4), “quando estudamos dinossauros, vemos os ossos, e com a cerâmica existe a possibilidade de tentarmos reproduzir esses ossos para os alunos terem o contato”.

Uma matéria está ligada na outra, e cabe a nós professores fazermos uma ponte entre elas.

Para (D1), “a história da cerâmica também é muito rica, podemos estudar como o ser humano descobriu o fogo e começou a utilizar a cerâmica como uma tecnologia. Ela acompanha a nossa história”.

Existe a possibilidade de o professor fazer um trabalho interdisciplinar incrível. A cerâmica é uma ferramenta que possui muita versatilidade, usando a estrutura de projetos, ou seja, usando o tema como um fio condutor capaz de envolver os alunos, tornando-os como sujeitos da própria aprendizagem.

Segundo D3:

Podemos criar um projeto, em que os alunos podem ir conhecer de onde vem o barro, a sua história. Apresentar a criança, moldar e mostrar como é um forno, pode ser até mesmo um forno de cerâmica de tijolos. Fazer uma visita técnica em uma cerâmica, conhecer, ter o contato com a argila e desenvolve a capacidade exploratória das crianças. Os alunos são muito curiosos, então podemos utilizar a cerâmica para chamar a atenção deles.

De acordo com (D2), “os alunos cobram de porque não temos esses utensílios aqui para utilizarmos durante o estudo da disciplina. Como não podemos pegar os originais, poderíamos fazer reproduções”.

Os educandos são criativos, em oficinas é possível tanto aprender sobre as matérias, quanto lidar com outras questões que também atrapalham no aprendizado, como a ansiedade por exemplo.

Apesar de não conhecer técnicas, vejo que os alunos conseguem de forma intuitiva produzir peças rústicas e criativas. Acredito que a cerâmica possui uma grande possibilidade de utilização em sala de aula, até mesmo como uma possibilidade de ensino e terapia ao mesmo tempo. (Docente 3).

Uma provável barreira para o ensino de história e outras disciplinas através da cerâmica são os conhecimentos técnicos, os professores necessitam de um treinamento em práticas básicas de cerâmica, para assim utilizar a criatividade e aplicar em sala de aula.

Segundo (D2), “apesar de não ter a noção técnica para fazer a cerâmica, acredito que seria muito interessante os professores terem uma noção de técnicas básicas através de oficinas, por exemplo”.

Ainda sobre o tema, D1afirma:

Tenho um conhecimento na parte da história da cerâmica e cálculo, entretanto precisaria de ajuda na parte prática. Apesar de não possuir a habilidade para executar a técnica, poderia utilizar a cerâmica de outras formas, em ciências existe a possibilidade de estudar a composição do barro. Meio ambiente também é uma possibilidade para se trabalhar com cerâmica. Aquilo que construímos aprendemos de maneira mais fácil e melhor.

A sujeira também é uma preocupação, assim como o tempo limitado, porém através de parcerias entre os professores de diferentes áreas essas barreiras podem ser quebradas.

Segundo (D3), “na escola que trabalho atualmente existe uma dificuldade muito grande para trabalharmos novos métodos, existe também uma resistência muito grande em relação a bagunça”.

A educadora afirma que não gostam que os professores façam “sujeira”. Ainda segundo D3:

Infelizmente em alguns lugares a arte não é valorizada, e consideram que se faz muita bagunça e muita sujeira. É uma pena, existe uma grande gama de possibilidades de se utilizar a arte em sala de aula. As crianças atualmente têm tudo muito pronto, não sabem como é feito o objeto e nem

de qual material.

Para D4:

Acredito que a cerâmica seja uma opção interessante. Um empecilho para a utilização de cerâmica em sala de aula seria o tempo limitado, pois a prática cerâmica demanda tempo tanto para execução quanto para arrumar o local onde a aula foi feita. O tamanho da turma também pode ser um problema. É um pouco complicado trabalhar com a argila por conta de onde conseguir o material. Porém com um manual sobre essas práticas seria superinteressante. Super toparia participar de uma oficina sobre as técnicas.

Existe também por parte de alguns professores, a crença de que para utilizar algumas práticas é necessário ser um professor de arte.

Segundo D5:

Acredito que é possível sim trabalhar em sala de aula a cerâmica para o ensino de história e de outras matérias, porém o professor de sala precisaria de um maior envolvimento da(o) professora(o) de arte. Não vejo a possibilidade de trabalhar sozinha pois não conheço as técnicas e não sei como organizar a atividade para que não se transforme em bagunça.

E por fim, existe a opção de realização de oficinas de cerâmica, para após a finalização delas, mostrar à comunidade interna e externa o resultado do trabalho.

Conforme (D2), “poderíamos fazer exposições para que a comunidade externa tenha acesso a esse conhecimento”.

Salienta-se que esse trabalho é algo contínuo, a comunidade externa pode e deve participar dos resultados dele.

Eu já trabalhei com a argila em sala de aula, onde eu trabalhava antes não tínhamos um professor de arte separado, o próprio pedagogo dava arte em conjunto com as outras matérias. Conseguimos argila de sítios, cerâmicas, doação de pais e até em floriculturas. Onde eu trabalho atualmente não temos acesso a muitos materiais, comparando com os lugares que trabalhei, aqui vejo maior dificuldade, porém a dificuldade não é em relação a conseguir a argila, que é muito abundante na região, e sim na visão que alguns pais têm sobre técnicas de ensino. Eles acreditam que somente utilizando o computador estamos usando tecnologia. (Docente 3)

A cerâmica é uma possibilidade maravilhosa em relação ao ensino, antigamente existiam muitos projetos que utilizavam a mesma como possibilidade para o aprendizado, atualmente não é visto mais projetos do gênero.

7.2 Ceramistas

Será apresentado nesse tópico os dados pessoais e formação das Ceramistas participantes da pesquisa.

7.2.1 Dados pessoais

Questões: Qual sua formação acadêmica? Você se formou em escola pública ou privada? A quanto tempo trabalha com cerâmica?

Segundo C1(2022) “Sou formada no curso Técnico em Cerâmica pelo SENAI, possuo Bacharelado em Enfermagem e Pós-graduação em Arteterapia. Fiz um curso com a ceramista Magali Ercolin. Trabalho a mais de 20 anos como ceramista.”

Segundo C2- (2022) “Possuo formação inicial como Tecnóloga em hotelaria e formação em ateliê com uma mestra ceramista. Trabalho a mais de 20 anos como ceramista.”

Segundo C3- (2022) “Tenho formação no antigo magistério e formação em ateliê com uma mestra ceramista. Trabalho a mais de 20 anos como ceramista.”

7.2.3 Cerâmica História e Interdisciplinaridade.

As seguintes questões abordam a utilização de cerâmica em sala de aula. Questões norteadoras: Já deu aulas de cerâmica em escolas? Já participou de algum projeto educativo sobre cerâmica? Quais são as dificuldades que você acredita existir em relação a trabalhar cerâmica em sala de aula? Quais são as possibilidades que você acredita existir em relação a trabalhar cerâmica em sala de aula?

Segundo C1:

Eu já trabalhei com crianças nos projetos castanheira e sementinha. Nós produzimos durante o projeto castanheira cerâmicas como ferramentas de ensino para professores da rede pública da cidade de Santo André, fizemos diversas peças com esse objetivo. O projeto sementinha era voluntário, fazíamos oficinas de cerâmica para as crianças da rede pública. Atualmente só trabalho com adultos, pois com minha idade é um pouco mais difícil acompanhar o ritmo deles. Acredito que a cerâmica é uma excelente ferramenta tanto para trabalhar história, quanto para trabalhar outras disciplinas em sala de aula. Porém temos que levar em consideração a dificuldade de encontrar o material e a necessidade de um treinamento para que o professor consiga trabalhar de forma eficaz com os alunos. É necessários um forno e um lugar para armazenar a argila.

Aqui na região, antigamente possuíam muitas cerâmicas, porém atualmente elas foram substituídas por utensílios de plástico. Seria uma possibilidade de trabalho em escolas, retomar a valorização do artesanato e valorizar nossa cultura caipira. E talvez até conseguir trabalhar a trajetória dessas cerâmicas, pois elas fazem parte de nossa história.

A cerâmica pode ser utilizada de forma interdisciplinar, caso eu fosse montar um projeto, faria um treinamento curto e em conjunto com os professores tentaria criar ferramentas e objetivos a serem alcançados.

Como meio, podemos utilizar a cerâmica como um objeto de curiosidade, em cima do qual o professor contaria a história.

E como fim, poderíamos realizar oficinas, tanto de desenho em cerâmica (alfabetização, matemática...) quanto reproduzir figuras e peças históricas.

É um trabalho de uso contínuo, podemos trabalhar em um projeto anual.

Segundo C2:

Eu faço oficinas para crianças em escolas, principalmente em datas festivas. Já em meu ateliê costumo dar aulas particulares para crianças, geralmente no máximo duas pessoas por vez.

Faço também algumas oficinas com quinze crianças em meu ateliê, porém essas grandes são menos frequentes. Uma dificuldade em trabalhar com muitas crianças ao mesmo tempo é a capacidade de concentração, a criança dispersa com muita facilidade outra é a sujeira.

É uma diversão para as crianças mexer com a argila, elas brincam, se sujam, fazem bolinhas de barro e até mesmo passam argila uma na outra.

Para organizar as oficinas o ideal é que todos produzam a mesma peça.

Usamos ferramentas prontas, e às vezes eu produzo oficinas de como fazer as ferramentas com materiais recicláveis.

As oficinas são um recurso didático incrível, pois promovem a interação entre as crianças e incentiva a criatividade.

Acredito que a cerâmica deveria ser uma matéria presente em sala de aula, pois essa possui inúmeros benefícios, como por exemplo na coordenação motora. A cerâmica tem a capacidade de centralizar a criança, ajudar no desenvolvimento emocional, estar com a mão no barro descarrega as energias. Pode ajudar com problemas de ansiedade entre outros.

A dificuldade que encontro é o forno, a escola teria que ter um a disposição, a argila, entretanto já é bem fácil de encontrar aqui na região. Quanto às ferramentas podem ser improvisadas reutilizando materiais.

A cerâmica pode ser também utilizada em projetos interdisciplinares, com história, física, química, entre outras matérias.

Segundo C3:

As crianças no geral gostam de fazer atividades no ateliê, elas amam, porém algumas têm uma certa resistência em se sujar.

Uma prática muito interessante para se fazer com crianças é a construção de um carimbo, com botões e objetos diversos para textura. Para ensinar a cerâmica em sala de aula é necessário pelo menos um local para fazer as peças e armazenar, além de um forno. Quanto à pintura podemos utilizar guache mesmo.

Meu cunhado também é ceramista e artista plástico, ele tem um projeto em conjunto com a minha irmã, em uma escola em Ilhabela, em que costumam trabalhar interdisciplinaridade com os alunos, eles trabalham história, geografia e matemática através da arte e da cerâmica.

Ele não acredita nos conteúdos como caixas separadas, eles são trabalhados em conjunto.

Tenho formação em magistério e já trabalhei com crianças como professora, antigamente existia uma certa resistência nas escolas em propor novas técnicas para o ensino, hoje acredito que as escolas estejam mais abertas a novas práticas pedagógicas. Podemos trabalhar a coordenação motora dos alunos entre outras muitas possibilidades.

Ainda segundo C3:

Meus filhos cresceram no ambiente do meu ateliê, porém nenhum deles quis seguir carreira artística, porque infelizmente na região não tem muito retorno.

Atualmente, principalmente com a pandemia, a cerâmica voltou novamente a estar em alta, as pessoas voltaram a se importar com o local onde será servida a comida, então muitos jovens começaram a fazer cerâmica.

Porém eu vejo um problema recorrente, que é pessoas que começam a fazer cursos online de aperfeiçoamento sem ter feito o básico primeiro, fora que cursos presenciais são mais interessantes, porque é necessária uma professora estar presente para ensinar a arrumar os erros.

Existem conceitos básicos que fazem toda a diferença no resultado da peça.

Porém apesar das diversas barreiras que podem ser encontradas, a cerâmica, pode ser uma possibilidade muito interessante de ensino. Os alunos demonstram muito interesse em utilizar argila, para eles é um mundo novo, e uma possibilidade de conhecer uma prática milenar que esteve presente na história humana.

Segundo (C2), “a cerâmica pode ser também utilizada em projetos interdisciplinares, com história, física, química, entre outras matérias”.

Segundo C1:

Antigamente existiam projetos como os que eu já trabalhei com crianças, os projetos castanheira e sementinha. Nós produzimos durante o projeto castanheira cerâmicas como ferramentas de ensino para professores da rede

pública da cidade de Santo André, fizemos diversas peças com esse objetivo.

O projeto sementinha era voluntário, fazíamos oficinas de cerâmica para as crianças da rede pública.

As ceramistas entrevistadas preferem atualmente trabalhar apenas com adultos, porém todas elas acreditam na necessidade de projetos voltados ao público infantil, essa necessidade de trabalhar a cerâmica em sala de aula também é vista.

Segundo C1:

Atualmente só trabalho com adultos, pois com minha idade é um pouco mais difícil acompanhar o ritmo deles. Porém acredito que a cerâmica é uma excelente ferramenta tanto para trabalhar história, quanto para trabalhar outras disciplinas em sala de aula. A cerâmica pode ser utilizada

de forma interdisciplinar, caso eu fosse montar um projeto, faria um treinamento curto e em conjunto com os professores tentaria criar ferramentas e objetivos a serem alcançados. Como meio, podemos utilizar a cerâmica como um objeto de curiosidade, em cima do qual o professor contaria a história. E como fim, poderíamos realizar oficinas, tanto de desenho em cerâmica (alfabetização, matemática...) quanto reproduzir figuras e peças históricas. É um trabalho de uso contínuo, podemos trabalhar em um projeto anual.

Afirma C2 :

É uma diversão para as crianças trabalhar com a argila, elas brincam, se sujam, fazem bolinhas de barro e até mesmo passam argila umas nas outras. Para organizar as oficinas o ideal é que todos produzam a mesma peça. Existe a possibilidade de usar ferramentas prontas, e produzir oficinas de como fazer as ferramentas com materiais recicláveis.

Ainda segundo C2:

As oficinas são um recurso didático incrível, pois promovem a interação entre as crianças e incentiva a criatividade. Acredito que a cerâmica deveria ser uma matéria presente em sala de aula, pois essa possui inúmeros benefícios, como por exemplo na coordenação motora. A cerâmica tem a capacidade de centralizar a criança, ajudar no desenvolvimento emocional, estar com a mão no barro descarrega as energias. Pode ajudar com problemas de ansiedade entre outros.

Pode-se explorar diversas possibilidades para a utilização da cerâmica um recurso.

Meu cunhado também é ceramista e artista plástico, ele tem um projeto em conjunto com a minha irmã, em uma escola em Ilhabela, em que costumam trabalhar interdisciplinaridade com os alunos, eles trabalham história, geografia e matemática através da arte e da cerâmica. Ele não acredita nos conteúdos como caixas separadas, eles são trabalhados em conjunto. Podemos trabalhar a coordenação motora dos alunos entre outras muitas possibilidades. (Ceramista 3).

Algumas crianças podem apresentar uma certa dificuldade em “se sujar”, porém essa dificuldade pode ser superada aos poucos, e os resultados podem ser excelentes.

Segundo C3:

As crianças no geral gostam de fazer atividades no ateliê, elas amam, porém algumas têm uma certa resistência em se sujar. Uma prática muito interessante para se fazer com crianças é a construção de um carimbo, com botões e objetos diversos para textura. Para ensinar a cerâmica em sala de aula é necessário pelo menos um local para fazer as peças e armazenar, além de um forno. Quanto à pintura podemos utilizar guache mesmo.

Em relação às dificuldades encontradas, segundo o (C1), “temos que levar em consideração a dificuldade de encontrar o material e a necessidade de um treinamento para que o professor consiga trabalhar de forma eficaz com os alunos. É necessário também um forno e um lugar para armazenar a argila”.

Segundo (C2), “a dificuldade que encontro é o forno, a escola teria que ter um a disposição, a argila, entretanto já é bem fácil de encontrar aqui na região. Quanto às ferramentas podem ser improvisadas reutilizando materiais”.

Quanto a dificuldade do material, ele é encontrado em abundância na região, antigamente existiam muitas cerâmicas de tijolos e utensílios de barro, atualmente existem em menor quantidade, porém ainda são encontradas com facilidade.

Segundo C1:

Aqui na região, antigamente possuíam muitas cerâmicas, porém atualmente elas foram substituídas por utensílios de plástico. Seria uma possibilidade de trabalho em escolas, retomar a valorização do artesanato e valorizar nossa cultura caipira. E talvez até conseguir trabalhar a trajetória dessas cerâmicas, pois elas fazem parte de nossa história.

Sobre a prática em ateliês, segundo C2:

Eu faço oficinas para crianças em escolas, principalmente em datas festivas.

Já em meu ateliê costumo dar aulas particulares para crianças, geralmente no máximo duas pessoas por vez. Faço também algumas oficinas com quinze crianças em meu ateliê, porém essas grandes são menos frequentes. Uma dificuldade em trabalhar com muitas crianças ao mesmo tempo é a capacidade de concentração, a criança dispersa com muita facilidade outra é a sujeira.

E Segundo C3:

Atualmente, principalmente com a pandemia, a cerâmica voltou novamente a estar em alta, as pessoas voltaram a se importar com o local onde será servida a comida, então muitos jovens começaram a fazer cerâmica. Tenho formação em magistério e já trabalhei com crianças como professora, antigamente existia uma certa resistência nas escolas em propor novas técnicas para o ensino, hoje acredito que as escolas estejam mais abertas a novas práticas pedagógicas.

Os benefícios da utilização da cerâmica como um recurso de ensino são muitos, existem desafios, como por exemplo a dificuldade de se trabalhar com muitas crianças ao mesmo tempo, e a capacidade de concentração dos alunos. Porém estes desafios podem ser vencidos através do trabalho, tanto do professor pedagogo, quanto dos demais professores. A interdisciplinaridade e trabalho em

conjunto são os principais meios para um resultado positivo em relação a utilização desse instrumento pedagógico.

As entrevistas apresentadas transmitem as visões de educadores atuantes no Ensino Fundamental I, eles apresentam as possibilidades e dificuldades presentes na utilização da cerâmica como recurso de ensino. Ela é apresentada como uma das formas de arte mais antigas e, tanto professores quanto ceramistas acreditam que a mesma pode ser utilizada como uma ferramenta pedagógica no ensino de história e de outras disciplinas. Um dos grandes benefícios apresentados sobre o ensino da cerâmica é a possibilidade de colocar o aluno em contato com a História de forma prática e sensorial, permitindo que ele possa vivenciar o aprendizado de uma forma mais concreta e tangível.

Através da produção de oficinas onde podemos produzir peças cerâmicas, o aluno pode aprender sobre os diferentes períodos históricos, além das técnicas utilizadas na produção de cerâmica em cada época, um pouco sobre os materiais empregados na confecção das peças e até mesmo produzir ferramentas de materiais reciclados.

A cerâmica é vista pelos professores entrevistados como uma forma de arte que possibilita o desenvolvimento da criatividade e da habilidade manual do aluno.

Apesar de algumas dificuldades que foram apresentadas por algumas professoras, no geral, a maioria concorda que a cerâmica pode ser um recurso de ensino eficaz no ensino de história, possibilitando ao aluno uma experiência sensorial que o permita compreender melhor o período histórico estudado. Ela permite ao aluno desenvolver também habilidades como o pensamento crítico, dessa forma, a arte cerâmica pode ser uma importante ferramenta na formação de indivíduos críticos e conscientes da nossa história e cultura.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando essa pesquisa apontou uma reflexão sobre a utilização de técnicas cerâmicas em sala de aula como um recurso de ensino, pensava-se em apontar uma possibilidade de ensino para a disciplina de História que apresenta um conteúdo mais teórico.

Percebeu-se que para alcançar o objetivo proposto, era necessário a criação de um material com técnicas e sugestões para a aplicação em sala de aula.

Na educação, sempre que proposta uma temática de investigação científica entende-se que ela está entrelaçada a outros temas, pois o processo educativo é complexo.

Os desafios atuais com a educação são muitos, ao propor este estudo, inicialmente, a professora pesquisadora enfrentou alguns contratempos, mediante a pandemia e a falta de abertura a novos recursos de ensino. Foi percebido que existiam muitos desafios que deveriam ser vencidos para o término da pesquisa.

Com o início da pesquisa “Arte e educação: a cerâmica como recurso pedagógico no ensino de História” observou-se a carência de publicações relacionadas ao tema.

Isso dificultou a realização da pesquisa, porém a tornou ainda mais interessante, pois a cerâmica, como uma das formas mais antigas de arte, pode ser utilizada como um poderoso recurso de ensino em diversas áreas do conhecimento, incluindo a História. Entretanto não pode ser utilizada sem um conhecimento prévio do tema, e ao levar isso em consideração, foi idealizado um material didático que pudesse ser utilizado por pessoas leigas no assunto.

Com o objetivo de entender melhor a percepção dos professores sobre a utilização dela com recurso de ensino, foi realizada essa pesquisa com profissionais da área, tanto professores, quanto ceramistas atuantes na área da educação.

As entrevistas foram fundamentais para compreender como os professores percebem a cerâmica como um recurso de ensino em História. A partir dessas entrevistas, foi possível identificar as principais vantagens e desafios que os professores podem enfrentar ao utilizar a cerâmica em sala de aula.

Diante desse fato a pesquisa aqui apresentada proporcionou uma contribuição para o campo da educação, seja para futuras pesquisas acadêmicas, ou para a idealização de futuros materiais pedagógicos de ensino.

A cerâmica, como um recurso, pode ser utilizada para ilustrar diversos períodos históricos, permitindo assim, que os alunos visualizem de forma concreta as características de cada época. Ela pode também ser utilizada como uma forma de estimular a criatividade dos alunos, incentivando-os a criar suas próprias peças e, assim, desenvolver habilidades manuais.

No entanto, é importante lembrar que a utilização de cerâmica em história não é uma solução mágica para todos os problemas de aprendizado. Mas pode sim ser um poderoso recurso, e como tal, precisa ser usada de forma adequada e integrada em um currículo mais amplo. É possível pensar em estratégias para aprimorar a utilização da cerâmica como recurso no ensino.

Ao ler as entrevistas, é possível conhecer experiências bem-sucedidas de professores que já utilizaram ou acreditam na possibilidade da cerâmica como recurso pedagógico no ensino em História.

Espera-se, portanto que essa pesquisa seja uma fonte de referência para pesquisas futuras, visto que existem diversas possibilidades para o tema. O campo da cerâmica e da Arte em si são muito vastos, e podem ser explorados com dedicação e comprometimento científico.

REFERÊNCIAS

ALBINATTI, Maria Eugênia Castelo Branco. **Artes visuais**. Artes II. Belo Horizonte. 2008.

ALMEIDA, Flávia Leme de Almeida. **Mulheres recipientes**: recortes poéticos do universo feminino nas artes Visuais. Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

ALVARES, Sonia Carbonell. **A pedagogia artesã como práxis educativa em culturas populares tradicionais**. Educação e Pesquisa 2019. Journal article Site: SciELO, 2019.

ANDRADE, Fabrício. **Arte – Educação**: Emoção e Racionalidade. São Paulo: Annablume, 2006.

AVELAR, Alexandre de Sá. **Os desafios do ensino de história problemas teorias e métodos**. Editora Intersaberes. Catálogo das bibliotecas da rede Unesp. 2012.

AVELLO, Adriano Siqueira e SCHMITT, Denise Verbes. **Por uma história moldada na argila**: O uso de oficina de cerâmica para conhecer diferentes culturas. Revista Latino-Americana de História, 2013.

BACARIN, Lígia Maria Bueno Pereira. NOMA, Amélia Kimiko. **História do movimento arte-educação no Brasil**. ANPUH- XXI Simpósio Nacional de História Londrina, 2005.

BARBOSA, Ana Mae Tavares Barros. **A imagem no ensino da arte**: anos 1980 e novos tempos. São Paulo: Perspectiva, 2014.

BARBOSA, Ana Mae Tavares Barros. **Tópicos Utópicos**: Cultura e Ensino da Arte.

Belo Horizonte: C/Arte, 1998 e 2007.

BARBOSA, Ana Mae Tavares Barros. **Arte-educação: conflitos e acertos.** Editora Max Limonad Ltda. São Paulo- SP, 1985.

BARBOSA, Ana Mae Tavares Barros. **Ensino da Arte e do Design no Brasil: unidos antes do Modernismo.** Revista Digital do LAV – Santa Maria – 2015.

BARDI, P. M. **Arte da cerâmica no Brasil.** Banco Sudameris Brasil S.A, 1980.

BARROS, José D'Assunção. **Interdisciplinaridade na história e outros campos do saber-** Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

BARROS, M. S. F.; VICENTINI, D.; FERREIRA, A. L.; CORTEZ, M. D.; GARCIA, N. N. Criação e imaginação: A modelagem em argila e o processo de desenvolvimento infantil sob o olhar da teoria histórico-cultural. Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, Araraquara, v. 18, n. 00, e023012, 2023. e-ISSN: 1982- 5587. DOI: <https://doi.org/10.21723/riaee.v18i00.17690>

BENEVIDES, J. E. C. de S. **Lições de história da civilização.** Rio de Janeiro: Francisco Alves & C., 1912.

BERTOLDI, Cristiane Aun. **A Cerâmica como Elemento Facilitador do Processo de Aprendizagem do Uso de Modelos Físicos como Ferramenta de Projeto.** Rev. Grad. USP, vol. 2, n. 2, jun 2017

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História fundamentos e métodos.** Editora Cortez. 2018

BORGES, Vany Pacheco. **O que é história.** Editora brasiliense. 1982.

BRASIL. **Lei de diretrizes e bases.** Lei nº 9.394/96. Brasília,1996.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares**

nacionais: história, geografia. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BROCHADO, José Proenza. **A tradição cerâmica Tupi-guarani na América do Sul.** Clio – Série Arqueológica, UFPE, 1980.

CAINELLI, Marlene. **O que se ensina e o que se aprende em História.** In: BRASIL, Coleção explorando o ensino de História. Brasília: MEC, SEB. 2010.

CALDAS, Felipe Rodrigo; HOLZER, Denise Cristina; POPI, Janice Aparecida. **A interdisciplinaridade em arte:** algumas considerações. Revista nupeart - volume 17, 2017.

CARLOS, Jairo Gonçalves. **Interdisciplinaridade no ensino médio:** desafios e potencialidades. 2007. 171 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências) - Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

CRESWELL, J. Investigação qualitativa e projeto de pesquisa: Escolhendo entre cinco abordagens. 3. ed. Porto Alegre: Penso, 2014.

DALGLISH, Lalada. **Noivas da seca:** cerâmica popular do vale do Jequitinhonha. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

DALMOLIN, Soeli de Fátima dos Santos. **Cerâmica:** arte e conhecimento prático e teórico para a educação básica. UNINTER, 2018.

DUARTE JÚNIOR, João Francisco. **Fundamentos estéticos da educação.** São Paulo: Papirus, 2002.

DUARTE JÚNIOR, João Francisco. **O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível.** Curitiba: Criar Edições. 2009.

ELER, Gabrielle Jacklin, ROECKER, Simone, SALVAGIONI, Denise Albieri Jodas, MORAIS, Helena Aquiléia de. **Significado da arteterapia com argila para os pacientes psiquiátricos num hospital de dia.** Invest Educ Enferm. 2014;32(1):

128-138. Site: Scielo, 2014.

FEIST, Hildegard. **Arte Indígena**. São Paulo: Moderna, 2010.

FERMIANO, Mariana Belintane. **Ensino de história para o fundamental I: teoria\prática**. Mariana Belintane Fermiano e Adriane Santarosa Santos. São Paulo: Contexto, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 56 ed- Rio de Janeiro, São Paulo: Paz e terra, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GABBAI, Miriam. **Cerâmica Arte da Terra**. São Paulo, SP: Callis Ltda.,1987.

GIANNOTTI, Sirlene. **Dar forma é formar-se: processos criativos da arte para a infância**. Sirlene Giannotti; orientadora Marina Célia Moraes Dias. São Paulo, 2008.

GIARDULLHO, Caio. GIARDULLHO, Paschoal. SANTOS, Urames Pires dos. **O nosso livro de cerâmica**. Editora Ver Curiosidades ,2005.

JONAS, Alexandre; RIZZO, Idamara; GARCIA, Fernanda. **Caminhos de Barro: nossa história – 1. ed.** - Campos dos Goytacazes, RJ: EdUENF, 2020.

KNECHTEL, Maria do Rosário. **Metodologia da pesquisa em educação: uma abordagem teórico-prática dialogada**. Curitiba: Intersaberes, 2014.

KOFFLER, Mayy. **Narciso ceramista: paleteado**. Blog ,2011.

LAGROU, Els. **Arte indígena no Brasil**. Editora C Arte. Belo Horizonte. 2013.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **A Oleira Ciumenta**; tradução de José António Braga

Fernandes Dias. Lisboa: Edições 70, 1985.

LUZURIAGA, Lorenzo. **História da educação e da pedagogia**. São Paulo: Ed. Nacional, 1984.

NASCIMENTO, Erinaldo Alves. **Mudanças nos nomes da arte na educação: qual infância? Que ensino? Quem é o bom sujeito docente?** Tese (Doutorado em Artes) – Escola de Comunicações e Artes – USP, São Paulo, 2005.

NUNES, Márcia Cristina da Silva Nunes. **A arte como suporte no processo de ensino-aprendizagem**. Avaré, FREA-Fundação Regional Educacional de Avaré, 2015.

NUÑEZ, R. **Técnicas**: Maciço Ocado. 2018.

OLIVEIRA, Kelly. **Estudando a Cerâmica Pintada da Tradição Tupi-guarani: a coleção Itapiranga**. Dissertação (Mestrado), Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Porto Alegre, 2008.

OLIVEIRA, Rosangela. **Mestre Ceramista**. Entrevista. 2022

PARELLADA, Claudia Inês. **Tecnologia e estética da cerâmica Itararé-Taquara no Paraná: dados etno-históricos e o acervo do Museu Paranaense**. Revista de Arqueologia, 2008.

PEREIRA, Amilcar Araújo.; MONTEIRO, Ana Maria (Org.) **Ensino de História e culturas Afro-brasileiras e indígenas**. Rio de Janeiro: Pallas, 2013.

PILEGGI, Aristides. **Cerâmica no Brasil e no Mundo**. SP: Livraria Martins Editora, 1958.

PORTO, Humberta. **Arte e educação** / Humberta Porto, organizadora. – São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2014. – (Coleção Bibliografia Universitária Pearson)

(Organizadora Humberta Porto, Arte e Educação).

PROUS, André; PANACHUK, Lilian; JÁCOME, Camila. Brincando de panelinha...os potes Tupi-guarani em miniatura e as vasilhas para treinamento. Série Livros Digital 16. **A (In)visibilidade de crianças no registro arqueológico**. Org. Tania Andrade de Lima, Rio de Janeiro, Museu Nacional, 2019.

RIZZI, M. C. S. L. **Reflexões sobre a Abordagem Triangular do Ensino da Arte**. In: BARBOSA, Ana Mae (Org.). Ensino da Arte: memória e história. São Paulo: Perspectiva, 2008. p. 335-348.

RODRIGUES, Rafaela Nathalia Larocca; SOUZA, Leonardo Jeronymo de Souza; TREVISIO, Vanessa Cristina. **Arte-educação: a relevância da arte no processo de ensino e aprendizagem**. Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade, Bebedouro SP, 2017.

SILVA, Maria Aparecida de Moraes. Das mãos à memória. In: ECKERT, Cornélia; MARTINS, José Souza; NOVAES, Sylvia Caiuby (org.). **O imaginário e o poético nas Ciências Sociais**. Bauru: Edusc, 2005.

SILVA, Paulo Eduardo do Nascimento. **As dificuldades do ensino de história nos anos iniciais: uma análise a partir dos olhares dos professores de uma escola municipal em Santa Cruz do Capibaribe – PE**. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal de Pernambuco – UFPE 2021.

SIMÕES DE PAULA, E. A instalação do Museu de Arte e Arqueologia da Universidade de São Paulo. Dédalo, v.I, n.1, p.14-18, 1965.

SOARES, Margarete B. Nicolosi. Poemas da mão que amassa. In: ROSENTHAL, Dália; RIZZI, Maria Christina. **Artes**. São Paulo: Blucher, 2013.

SOUZA, Regina Maria. **Que palavra que te falta?** Linguística, educação e surdez.

São Paulo: Martins Fontes, 1998.

TIRAPELI, Percival. **Ateliê de cerâmica**, UNESP. Acervo digital. 2015

VAN VELTHEM, Lucia Hussak. **O belo é a fera**. A estética da produção e da predação entre os Wayana. Tese (Doutorado em Antropologia), PPGAS-Universidade de São Paulo. São Paulo, 1995.

VARELA, Noêmia. **Movimento Escolinhas de Arte**: imagens e ideias. In: FRANGE, Lucimar Bello. Noêmia Varela e a arte. Belo Horizonte: C/Arte, 2001b.

VIEIRA, Cleide Aparecida. **Desenvolver-se no barro**: a contribuição das aulas de cerâmica às crianças do ensino fundamental II. São Paulo, UNINOVE, 2014.

ZARBATO, Jaqueline Martins. **Memória e ensino de história**: as interfaces entre a formação e o saber de professoras. Revista Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 5, n.9, jan./jun. 2013. p. 134 - 152.

APÊNDICE A

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE CONSENTIMENTO

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA CAMPUS DE BAURU
Faculdade de Ciências
Programa de Pós-Graduação em Docência para Educação Básica

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Título da Pesquisa: ARTE E EDUCAÇÃO: A CERÂMICA COMO RECURSO PEDAGÓGICO NO ENSINO DE HISTÓRIA.

Pesquisadora: Tatiana Rodrigues de Moraes
Orientador: Macioniro Celeste Filho

Prezado (a) Professor (a),

Você está convidado para participar da pesquisa: Arte e Educação: a cerâmica como recurso pedagógico no ensino de História que tem como objetivo conhecer, através de observações, diálogos e anotações e criação de oficinas, como é possível trabalhar projetos importantes do cotidiano escolar com a utilização da argila como meio educativo e ferramenta de ensino. Com esses dados coletados, desenvolvemos um Guia didático de práticas cerâmicas, que terá em seus desdobramentos os seguintes objetivos:

1. Organizar segundo o Plano de Ensino e de acordo com o Projeto Político Pedagógico as oficinas que serão abordados no Guia (produto pedagógico);
2. Desenvolver as atividades para leitura relacionadas aos projetos elencados e de interesse das crianças;
3. Processar os dados coletados, analisar, categorizar e organizar as páginas e o conteúdo do Guia (produto pedagógico).

Sua participação é totalmente voluntária e se, em qualquer momento você desistir de participar, pode entrar em contato com os pesquisadores, sem nenhum prejuízo. Não haverá pagamento por sua participação, nem ônus financeiro para você. A coleta de dados será realizada em local mais adequado às suas necessidades, priorizando o próprio local de trabalho, em dia e horário mais conveniente.

Sua colaboração é de fundamental importância para aprofundarmos as pesquisas na área da educação, contribuindo futuramente para a qualidade de vida da comunidade escolar.

Os riscos envolvidos na pesquisa são mínimos, são talvez de natureza emocional – talvez as questões possam suscitar emoções desconfortáveis ao serem respondidas. Os demais riscos possíveis, estão enquadrados no ambiente de trabalho, tais quais: temperatura, luminosidade do ambiente. Caso sinta qualquer desconforto, você pode pedir para não responder ou, caso já esteja respondendo, para não se aprofundar em sua resposta. Você pode interromper a entrevista em qualquer momento e iremos respeitá-lo (a), acolhê-lo (a) e, se desejar, poderá interromper sua participação, sem nenhum prejuízo a você.

Conforme as Resoluções 466/12 e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde assegura-se total sigilo aos participantes da pesquisa durante todas as etapas, com a garantia de plena liberdade ao participante de se recusar a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer etapa da pesquisa, sem prejuízo ou penalização alguma.

Você receberá uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado por ambas as partes (pesquisador e participantes) Qualquer informação durante o processo ou depois dele, você pode entrar em contato com os pesquisadores ou com o comitê de ética - Todos os contatos encontram-se listados ao final deste termo.

Agradecemos à disposição e à colaboração em participar de nosso estudo! Sua participação é muito importante uma vez que possibilitará o aprofundamento das pesquisas na área da educação, contribuindo para a qualidade de vida da comunidade escolar.

Consentimento Voluntário: Eu certifico que li ou foi-me lido o texto de consentimento e entendi seu conteúdo. Minha assinatura demonstra que concordei livremente em participar deste estudo:

Consentimento

Eu, _____, RG _____, entendo que, qualquer informação obtida sobre mim será confidencial. Eu também entendo que os meus registros de pesquisa estão disponíveis para revisão dos pesquisadores. Esclareceram-me que minha identidade não será revelada em nenhuma publicação desta pesquisa, por conseguinte, consinto na publicação para propósitos científicos.

Data: ____/____/____

Assinatura do participante da pesquisa

Assinatura do pesquisador

Nome da professora pesquisadora: Tatiana Rodrigues de Moraes Licenciada em Artes Visuais, mestranda pelo Programa Docência para Educação Básica - UNESP/Bauru.

Fone: (14)999057775

E- mail: tatiana.r.moraes@unesp.br.

Nome do professor orientador da pesquisa: Prof. Dr. Macioniro Celeste Filho Professor no Departamento de Educação, da Faculdade de Ciências - Campus Bauru. Docente permanente do Programa de Mestrado Profissional em Docência para a Educação Básica da Faculdade de Ciências - Unesp/Bauru.

E-mail: macioniro.celeste@unesp.br.

Contato do Comitê de Ética em Pesquisa

Endereço: Av. Luiz Edmundo Carrijo Coube, nº 14-01 - Vargem Limpa, CEP: 17033-360, Bauru-SP, Telefone: (14) 3103-6075 (Ramal: 9400), E-mail: cepesquisa@fc.unesp.br

Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", UNESP-Bauru - Faculdade de Ciências.